



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
MESTRADO EM DESIGN

RAPHAEL DA MOTA RIOS

MEMÓRIAS RENDILHADAS: TRAJETÓRIAS E SABERES DAS MULHERES
RENDEIRAS DE RAPOSA-MA

CURITIBA-PR

2015

RAPHAEL DA MOTA RIOS

MEMÓRIAS RENDILHADAS: TRAJETÓRIAS E SABERES DAS MULHERES
RENDEIRAS DE RAPOSA-MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Design, na área de concentração Design e Sistemas de Produção e Utilização.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa.

CURITIBA-PR

2015

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Rios, Raphael da Mota
Memórias rendilhadas: trajetórias e saberes das mulheres rendeiras de
Raposa - MA / Raphael da Mota Rios – Curitiba, 2015.
129 f.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa
Dissertação (Mestrado em Design) – Setor de Artes, Comunicação e
Design da Universidade Federal do Paraná.

1. Cultura material. 2. Memória. 3. Raposa (MA) - Pesquisa histórica. 4.
Raposa (MA) - Arte folclórica. 5. Rendas de Bilro. I.Título.

CDD 746.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Artes, Comunicação e Design
Programa de Pós-Graduação em Design

TERMO DE APROVAÇÃO

RAPHAEL DA MOTA RIOS

MEMÓRIAS RENDILHADAS: TRAJETÓRIAS E SABERES DAS MULHERES RENDEIRAS DE RAPOSA-MA

Dissertação de Mestrado aprovada em sua versão definitiva como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Design, área de concentração em Design Gráfico e de Produto, no Programa de Pós-Graduação em Design do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 27 de fevereiro de 2015.

Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa
(orientador e presidente - UFPR)

Profa. Dra. Lilliane Iten Chaves
(examinadora interna - UFPR)

Profa. Dra. Mariuzê Mendes
(examinadora externa - UTFPR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho se tornasse realidade.

Ao professor Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa,
Por sua orientação e generosidade em compartilhar seu conhecimento e experiência,
pela construção conjunta (e instigante) deste trabalho e capacidade de despertar
discussões construtivas a cerca dos artefatos que nos cercam.

À professora Dra. Mariuze Mendes,
Por seus apontamentos, sugestões e pesquisas em Cultura Material, que tanto
enriqueceram este texto. Pela presença nos momentos de qualificação e defesa.

À professora Dra. Liliane Chaves,
Por ter aceitado participar desta trajetória em seus momentos decisivos, pelas
correções assertivas, observações e presença.

Ao grupo de orientandos, companheiros de jornada acadêmica, Valéria Tessari,
Juarez Bergman, Carla Batista, Aline Voros, Rodrigo Matheus, Caroline Muller, Ana
Lidia e Luciana Ceschin pelos encontros repletos de questionamentos e discussões
que tanto contribuíram para a construção deste trabalho. Pela troca de experiências e
ferramentas de pesquisa, além do companheirismo e amizade quando tudo parecia
deixar de fluir.

À coordenação do programa de Pós-Graduação em Design da UFPR,
Por meio da figura sempre presente e atenciosa do professor Dr. Adriano Heeman,
pelas orientações, disponibilidade e compreensão durante os percalços da trajetória
desta pesquisa.

Ao grupo de estudos Design e Cultura Material,
Pelas leituras complementares, discussões e sugestões para a realização deste
trabalho.

Às mulheres que aceitaram compartilhar seu conhecimento, sua tradição, suas vidas,
que se disponibilizaram a dividir comigo suas histórias, com atenção e carinho, que
tanto me fizeram aprender e crescer, como pesquisador e como pessoa. Dona
Lourdes, Marilene e Maria de Jesus.

Aos meus pais, Raimundo Richardson Rios Junior e Claudiana Azevedo da Mota,
Pelo apoio incondicional em todas as minhas dificuldades e realizações, pelo amor,
pela torcida, pela presença e por fazerem de seus corações o porto seguro do qual
tanto precisei.

Às minhas irmãs, Ana Emilia e Ana Claudia Rios
Pelos momentos de descontração e risadas, estando perto ou distantes, pessoal ou
virtualmente.

A todos os familiares que em algum momento (ou em vários) perguntaram: “Como vai
o mestrado?” e tiveram a paciência de aguardar por uma resposta mais convicta e
segura, que acompanharam os primeiros passos e a correria da reta final.

A Rafael Ribeiro Ferreira,
Pelo amor, companheirismo, compreensão, paciência e presença constante durante a
trajetória deste pesquisador. Por aturar o mal humor em momentos de desespero e
pelas risadas que vieram em seguida.

À cidade de São Luis, Maranhão,
pelo berço, pelos 25 anos de convivência e aprendizado, pelos costumes e pelo
sotaque que me proporciona e jamais é esquecido ou deixado de lado.

À cidade de Curitiba, Paraná,
Pelos 2 anos de acolhida e morada, e aos próximos que virão. Por estranhar meu
sotaque, por me testar, por me fazer crescer, por querer me congelar no outono e
inverno e por me ter feito ficar.

RESUMO

Esta dissertação tem como temas: cultura material e trajetórias. A cultura material designa os objetos que registram as normas e regras distintivas do modo de vida de uma determinada comunidade. O processo de construção textual deste trabalho de dissertação visa reconstituir a trajetória das mulheres rendeiras do município de Raposa – MA, selecionadas por sua representatividade na tradição do fazer rendas de bilros em território maranhense, através de seus relatos e saberes. Como método para a investigação, temos a pesquisa histórica, olhando para o passado, visando entender as raízes das mulheres rendeiras, relatando as tensões, disputas, modificações ou atualizações ocorridas em seu ofício no decorrer de sua trajetória. As estratégias de desenvolvimento do método da pesquisa permeiam entre a revisão bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa histórica e pesquisa de campo, a fim de ativar a memória das mulheres Rendeiras raposenses e enfim reconstruir sua trajetória, identificando suas práticas na construção do artefato em Renda de Bilros.

Palavras chave: Cultura material. Memória. Trajetória. Renda de Bilros.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme: material culture and trajectories. The material culture designates the objects that record the norms and rules of the distinctive way of life of a particular community. The textual construction process this dissertation aims to reconstruct the history of women lace makers in the city of Fox - MA, selected for their representativeness in the tradition of making bobbin lace in Maranhão territory, through their stories and knowledge. As a method of research, we have historical research, looking at the past, in order to understand the roots of women lace makers, reporting tensions, disputes, or upgrades occurred in his office in the course of his career. The research method development strategies permeate between the literature review, document research, historical research and field research in order to enable memory women Rendeiras raposenses and finally reconstruct their trajectory, identifying their practices in building the artifact income bobbin.

Keywords: Material culture. Memory. History. Income Bobbin.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do Território brasileiro.....	24
FIGURA 2 – Mapa da Ilha de São Luís.....	25
FIGURA 3 – Praia da Raposa na década de 1950.....	27
FIGURA 4 – Associação das Rendeiras da Raposa.....	31
FIGURA 5 – CEPRAMA.....	33
FIGURA 6 – IDAM.....	34
FIGURA 7 – Casa e comércio de rendas na avenida principal em Raposa....	35
FIGURA 8 – Localização em Mapa: estado do Ceará.....	40
FIGURA 9 – Trajetórias das interlocutoras.....	61
FIGURA 10 – Materiais utilizados pelas rendeiras.....	71
FIGURA 11 – Conjunto de materiais utilizados pelas rendeiras.....	71
FIGURA 12 – Ilustração de José Lanzellotti (www.terrabrasileira.com.br); Rendeira, autor: Fábio Luna (www.fabiolunaarte.blogspot.com.br); Rendeiras do Mercado, autora: Solí (www.soli.com.br).....	72
FIGURA 13 – Almofada, base para a fabricação das rendas de bilros.....	74
FIGURA 14 – Picado com molde da renda a ser feita pelas artesãs.....	75
FIGURA 15 – Picados em uso.....	78
FIGURA 16 – Linhas Cléa.....	79
FIGURA 17 – Bilro em desenho.....	80
FIGURA 18 – Fruto e semente do tucum.....	81
FIGURA 19 – Linhas brancas enroladas em bilros.....	81
FIGURA 20 – Mandacaru.....	83
FIGURA 21 – Espinho de mandacaru em destaque.....	83
FIGURA 22 – Espinho de mandacaru em uso.....	84
FIGURA 23 – Ponto trocado.....	85
FIGURA 24 – Ponto Trança.....	86
FIGURA 25 – Ponto Traça.....	87
FIGURA 26 – Pano.....	88
FIGURA 27 – Ponto solto.....	88
FIGURA 28 – Corda.....	89
FIGURA 29 – Porta-copos.....	93
FIGURA 30 – Centro de mesa Modelo 1.....	95

FIGURA 31 – Centro de mesa Modelo 2.....	95
FIGURA 32 – Toalha de mesa.....	96
FIGURA 33 – Toalhas e produtos expostos.....	97
FIGURA 34 – Fabricação de roupa em renda de bilros.....	99
FIGURA 35 – Camiseta regata branca Modelo 1.....	100
FIGURA 36 – Camiseta regata branca Modelo 2.....	101
FIGURA 37 – Camiseta regata Modelo 3.....	101
FIGURA 38 – Colete em renda de bilros.....	103
FIGURA 39 – Saída de praia.....	104
FIGURA 40 – Rendas de metro.....	105
FIGURA 41 – Renda de metro em fabricação.....	107
FIGURA 42 – Renda de metro Modelo 1.....	107
FIGURA 43 – Renda de metro Modelo 2.....	107

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Protocolo de pesquisa para transcrição e sistematização de entrevistas.....	48
QUADRO 2 – Cadastro de artesãs.....	54
QUADRO 3 – Caracterização esquemática das entrevistadas.....	55

LISTA DE SIGLAS

BNB – Banco do Nordeste do Brasil

CEPRAMA – Centro de Produção Artesanal do Maranhão

EMCETUR – Empresa Cearense de Turismo

IDAM – Instituto de Desenvolvimento do Artesanato Maranhense

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PIDART – Programa Integrado do Desenvolvimento Artesanal

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UFC – Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 ONDE HÁ REDE HÁ RENDA.....	17
2.1. RAPOSA: COLÔNIA DE PESCADORES, LAR DAS RENDEIRAS.....	23
2.1.1. ASSOCIAÇÃO DAS RENDEIRAS DA RAPOSA.....	29
2.2. CEARÁ: HERANÇA RENDEIRA.....	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
3.1. MÉTODO DE PESQUISA.....	44
3.2. PESQUISA EMPÍRICA.....	49
3.3. UNIVERSO DE PESQUISA.....	53
3.4. HISTÓRIA ORAL: ENTREVISTAS.....	55
3.4.1. Primeiro tema: Origem cearense	58
3.4.2. Segundo tema: Relatos sobre o ofício de rendeira.....	63
3.4.3. Terceiro tema: Relatos sobre a Renda de Bilros de Raposa.....	67
4 O BATER DOS BILROS.....	69
4.1. MATERIAIS.....	70
4.1.1 Almofada.....	72
4.1.2 Picado.....	75
4.1.3 Bilros e Linha.....	78
4.1.4 Espinhos.....	82
4.2. PONTOS DE RENDA.....	85
5 RENDAS DA RAPOSA.....	90
5.1. NARRATIVAS ACERCA DOS PRODUTOS.....	92
5.1.1 Produtos de casa.....	92
5.1.2 Roupas.....	98
5.1.3 Renda de metro.....	105
5.2. “NOSSO JEITO DE FAZER RENDA”.....	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112

REFERENCIAS

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMA 1: ORIGEM CEARENSE

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMA 2: RELATOS SOBRE O OFÍCIO DE RENDEIRA

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMA 3: RELATOS SOBRE A RENDA DE BILROS DE RAPOSA

“Há obras que nos mostram a sala de visita da História, com seus retratos emoldurados na parede, os móveis de estilo e um belo arranjo para ser visto. Mas há pesquisas que vão aos fundos da casa, às cozinhas e oficinas, que esgaravavam os terrenos baldios onde se lançam detritos, àqueles lugares onde se movem as figuras menores e furtivas.” (BOSI, Ecléia. As outras testemunhas. Editora Brasiliense, 1984).

1 INTRODUÇÃO

“Toda história depende finalmente de seu propósito social’, e a história oral é a que melhor reconstrói as particularidades triviais das vidas das pessoas comuns”.

BURKE, Peter. 1992.

O artesanato de renda encontra-se fundamentalmente vinculado à presença da mulher como elemento de atuação cultural, quase sempre voltada às atividades artesanais nos diferentes povos. As Rendas de Bilros tornaram-se populares em território brasileiro, traçando uma trajetória que percorre inicialmente o litoral nordestino, as regiões ribeirinhas e na região Sul, em Florianópolis.

Os produtos artesanais podem apresentar características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social. A pesquisa em questão traz uma reflexão acerca do design como ferramenta de registro destes ofícios e seus artefatos, tomando para si os conceitos de cultura material na perspectiva de reconstrução da memória.

Fundada em 1988, na então conhecida como Praia da Raposa¹, a Associação das Rendeiras da Raposa foi a maneira pela qual as mulheres do município encontraram para organizar a produção crescente de produtos em renda, além de ser uma maneira de ter o seu trabalho reconhecido pela comunidade raposense e dos municípios vizinhos. Hoje, conta com 45 artesãs cadastradas. Suas principais finalidades são: a organização da cadeia produtiva das peças de vestuário em rendas de bilros, assim como a distribuição e comercialização dos produtos, além desta, destacam a difusão e ensino da tradição de fazer renda às meninas e jovens mulheres da comunidade.

¹ O município de Raposa, na data da fundação da Associação das Rendeiras, ano de 1988, ainda não havia recebido o status de município componente da ilha de São Luis. Era uma praia, de difícil acesso por terra pela falta de estradas que a ligassem aos municípios vizinhos e à capital São Luis.

A trajetória histórica e a importância do trabalho artesanal realizado pelas mulheres do município, o processo de feitiço das Rendas de Bilros, desde sua origem direta no estado do Ceará até a fixação em território raposense, foi o objeto de estudo escolhido para o projeto desta dissertação², inserido na linha de pesquisa “Sistemas de Produção e Utilização”. A proposta seria lançar um olhar sobre a trajetória destas artesãs, iniciando pelo ponto de origem direto, os municípios litorâneos do estado do Ceará, objetivando registrar e compreender suas práticas de construção de artefatos em Rendas de Bilros.

Pode-se dizer que o estudo das práticas das rendeiras de Raposa ainda tem vasto terreno a ser explorado. Considerando as pesquisas iniciais realizadas para a construção desta dissertação, foram encontrados estudos ligados à área de turismo, direito, economia e saúde³, delimitando às pesquisas que tratam especificamente do artefato em rendas de bilros de Raposa, pouco foi encontrado, apenas citações de sua importância para a economia local. Espera-se a partir da reflexão sobre a atividade de rendeira em Raposa, atuar como um ponto de partida para novas pesquisas acerca das artesãs e seus artefatos.

O objetivo geral é compreender as práticas de construção de artefatos de renda das mulheres rendeiras de Raposa a partir do relato de suas raízes e trajetórias. Como objetivos específicos, apontamos: a) conhecer as raízes dos sujeitos da pesquisa, suas motivações para o percorrer de sua trajetória em direção à Praia da Raposa; b) registrar e descrever as práticas inerentes ao feitiço das Rendas de Bilros, seu aprendizado e como se dá dentro do grupo; c) obter a caracterização das Rendas de Bilros da Raposa a partir das falas de suas artífices.

² O interesse pela Associação das Rendeiras da Raposa também resulta de dois anos de trabalhos realizados junto às mulheres rendeiras, por intermédio do SEBRAE-MA, na criação de novos produtos e coleções de vestuário a serem fabricados e comercializados pela Associação em seus pontos de venda em Raposa e na cidade de São Luís.

³ As pesquisas foram encontradas no arquivo digital da Universidade Federal do Maranhão, e suas versões físicas encontradas nas dependências da mesma Universidade, quando ocorreram as visitas à cidade de São Luís e Raposa. As pesquisas relacionadas ao município de Raposa, traçam panoramas turísticos do local, ao comércio e à saúde sendo estas: SILVA, Lais. Uso de habitats e sazonalidade de aves limícolas no Canal da Raposa, Ilha de São Luís, Maranhão, Brasil. Dissertação de Mestrado, 2007; SILVA, Luciney. O estado ambiental como indicador na qualidade de vida da população: uma análise da relação saúde e ambiente no centro urbano do município de Raposa, Maranhão, Brasil. Dissertação de Mestrado, 2008.

Quem são as mulheres rendeiras de Raposa? Quais as tensões existentes no processo de aprendizado do feitiço da renda? Qual motivo levou ao deslocamento das rendeiras do estado do Ceará em direção à Raposa? Por que as rendeiras se organizam em Associação na década de 1980? Como se comunicam/organizam internamente? Qual o papel das mulheres mais velhas dentro do contexto do grupo? São questionamentos outros que ajudaram a construir esta dissertação em busca do objetivo geral.

Além da introdução e das considerações finais, a dissertação será estruturada em quatro capítulos, buscando desenvolver a fundamentação teórica, contextualização do universo de pesquisa e apresentação e análise de resultados.

O capítulo dois, conforme a estrutura do sumário, trata da caracterização do universo de pesquisa. Tomamos como ponto inicial a caracterização do município de Raposa, lar das rendeiras participantes da pesquisa, assim como da Associação das Rendeiras. Em seguida, descreveremos sua origem direta, o estado do Ceará e sua tradição em fazer rendas de bilros, tendo como suporte as pesquisas da professora Valdelice Carneiro Girão (1926-2014), historiadora da Universidade Federal do Ceará (UFC), que desenvolveu pesquisas e registrou os saberes e tradições ligadas aos artefatos de renda da região cearense e do nordeste brasileiro desde a década de 1960.

O terceiro capítulo, por sua vez, aborda os procedimentos metodológicos, como a orientação teórica e conceitual conduziu às delimitações do universo de pesquisa e dos métodos utilizados na obtenção dos dados da pesquisa. No intuito de estudar as práticas das mulheres rendeiras (considerando suas complexidades e, especialmente, os sujeitos), optou-se pela realização de uma pesquisa em História Oral, uma maneira de obter e registrar as narrativas dos artífices acerca de seus artefatos e as tensões inseridas no contexto de seu processo de construção. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados filiam essa pesquisa ao processo de pesquisa qualitativa, tendo o ambiente natural como fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Durante a pesquisa foram realizados: um levantamento histórico para contribuir para a caracterização do

universo de pesquisa e do “fazer renda” e o “ser rendeira” ao longo das décadas compreendidas entre 1980 e 2014 (memórias das práticas da identidade das rendeiras), uma série de entrevistas acerca de três grandes temas ligados às trajetórias das mulheres rendeiras de Raposa (origem cearense; relatos sobre o ofício de rendeira; relatos sobre a Renda de Bilros de Raposa), e análise dos resultados (para sistematização e avaliação dos dados coletados). A base teórica aporta-se principalmente, nos pensamentos de Corrêa (2008), Garcia Canclini (2005), Kopytoff (2008), Thompson (2006).

O quarto capítulo apresenta a descrição dos materiais envolvidos no processo de fazer renda, fazendo uso de ilustrações, esquemas e fotos. Para além da narrativa sobre materiais, apresenta os diferentes estilos de pontos utilizados no feitiço das peças de renda em Raposa, assim como os produtos a que a junção metódica e sequencial destes pontos dão origem, na categoria vestuário e categoria adereço decorativo.

O quinto capítulo, então, apresenta as análises realizadas a partir das narrativas das rendeiras acerca de seus artefatos, respondendo ao problema de pesquisa proposto. Demonstra a importância de ouvir e registrar as falas dos artífices, que, intimamente ligados aos artefatos por suas trajetórias e tradições, carregam em si a propriedade de rememorar o passado, caracterizando o presente de suas práticas. Emergindo nas falas e respostas das mulheres rendeiras, obtemos a caracterização das Rendas da Raposa. Neste capítulo, as referências fundamentais, portanto, são as rendeiras de Raposa, as próprias artesãs envolvidas no trabalho de fabricação das rendas.

Finalizando, são apresentadas considerações a respeito das etapas da pesquisa, dos aprendizados e sentidos despertados pelo trabalho. Além de sugestões de aspectos que ainda podem ser investigados em relação ao objeto e à temática escolhida – que se mostraram muito ricos, tanto em termos de estudo quanto de experiência de vida.

2 ONDE HÁ REDE HÁ RENDA

Segundo SOARES (1987), a renda de agulha surgiu em fins do século XV, início do século XVI na cidade de Veneza, na Itália, como uma alternativa ao trabalho de bordado, denominada Punto in Aere, posteriormente Trina e Pizzo, tendo como centros difusores as cidades de Milão e Gênova. Luis XIV estimulou o desenvolvimento das rendas de agulha na França, e as rendas brancas francesas ganharam destaque e espalharam-se pela Europa, ganhando o nome de *passement* em princípio. Tendo conquistado a posição antes pertencente à Itália como centro produtor das rendas, a França passou a chama-las *Points de France* e *Points d'Alecon*, despertando o interesse da Inglaterra e Bruxelas.

Em Portugal, ainda de acordo com o autor, a produção das rendas de bilros, atingiu seu esplendor nos séculos XVI e XVII e concentrava-se na Orla Marítima açoriana, especificamente em Vila do Conde, Viana do Castelo, Nazaré, Peniche e Setúbal, e nas ilhas da Madeira e Açores. Acerca da procedência lusitana, uma característica a ser notada é a renda ter-se fixado, de modo geral, à beira-mar, e mesmo alongando-se ao interior, sempre ter acompanhado o curso dos rios. A circunstância de as rendeiras portuguesas terem vindo de áreas costeiras pode ser um dos fatores que influenciaram para que, também no Brasil, a proximidade do mar e em seguida os rios tenha sido um fator decisivo para sua permanência e difusão nestas regiões. A concentração costeira ou em margem de rios traduziu-se no dito popular que diz que 'onde há rede há renda'.

Em época de colonização, as artes das rendas de bilros chegam ao Brasil pelas mãos de mulheres de pescadores e marinheiros portugueses, disseminando-se pelo litoral nordestino e margens dos rios interioranos, como o São Francisco, traçando uma extensão ao sul do país, em especial Santa Catarina, região de forte colonização açoriana.

Segundo Valdelice Carneiro Girão (1966) “nunca se poderá afirmar, com segurança, o país originário dessa atividade artesanal”. No entanto, quanto à sua chegada ao Brasil afirma:

A carência de bibliografia não nos permite apurar quando teve início esse artesanato entre nós. É-nos permitido, porém, afirmar, com relativa segurança, que a renda foi trazida por mulheres portuguesas, vindas com suas famílias da mãe-pátria, onde tradicionalmente se dedicavam a esse mister. Veio aculturar-se e difundir-se entre nós, nas zonas do litoral e do sertão, e, através da mulher do povo, tornou-se uma “cultura de folk”. Em inícios do século XVII, adquiriu essa arte feição nitidamente nacional, que até hoje se conserva e se faz notar pelos nomes dados aos seus diferentes tipos. A região por excelência das rendas de bilros, no Brasil, é o Nordeste, mais particularmente o litoral e o sertão do Ceará.

Em época de colonização, a arte das Rendas de Bilros chega ao Brasil pelas mãos destas mulheres lusitanas de pescadores e marinheiros portugueses, disseminando-se pelo litoral nordestino e margens dos rios interioranos, como o São Francisco, traçando uma extensão ao sul do país, em especial Santa Catarina, região de forte colonização açoriana. A rendeira passa a fixar-se no litoral brasileiro em concentrações regionais juntamente com a atividade de subsistência – a pesca. Assim, num mesmo conjunto socioeconômico, a rendeira se apresenta até os dias atuais no panorama cultural brasileiro. A renda de bilro teria surgido no século XV na Europa. Bélgica, França e Itália disputam a paternidade dessa técnica, que chegou ao Brasil apenas no século XVIII, trazida pelos portugueses. Segundo alguns historiadores, o bilro era praticado pelas esposas dos portugueses que repassaram a técnica para as escravas, popularizando, assim, esse tipo de renda.

A renda de bilros portuguesa era feita sobre o rebolo (conhecido como almofada no Brasil). GIRÃO (2002) descreve a técnica da seguinte maneira: “O rebolo é um cilindro de pano grosso, cheio com palha ou algodão, cujas dimensões dependem da dimensão da peça a realizar, coberto exteriormente por um saco de tecido mais fino”, complementa ainda: “A almofada fica sobre um suporte de madeira, ajustável, de forma a ficar à altura do trabalho da rendilheira”. A rendeira em Portugal é conhecida pela denominação rendilheira, perceberemos as mudanças em denominações no decorrer dos próximos capítulos deste texto.

No rebolo, é colocado um cartão perfurado, o pique (pinicado no Ceará, picado na região de Raposa), onde se encontra o desenho da renda, feito com pequenos furos. Nos furos da zona do desenho que está a ser realizada, a rendilheira espeta alfinetes, que desloca à medida que o trabalho progride. Os fios são manejados por meio de pequenas peças de madeira torneada (ou de outros materiais, como o osso), os bilros. Estes, por sua vez, são manejados aos pares pela rendilheira que imprime um movimento rotativo e alternado a cada um, orientando-se pelos alfinetes. O número de Bilros utilizado varia conforme a complexidade do desenho. Estes artefatos serão apresentados no capítulo 4 (página 71).

Em Portugal a arte da renda de bilros tem especial expressão nas zonas pesqueiras do litoral, com maior relevo para Peniche e Vila do Conde, mas também Viana do Castelo, Nazaré, Peniche e Setúbal, e nas ilhas da Madeira e Açores.

Para além do contexto histórico das Rendas de Bilros, descrever a origem desta técnica artesanal e seus artefatos envolve também interpretações folclóricas, populares e românticas.

Conta-se que, em Veneza, certo pescador partiu para uma longa viagem aos mares orientais. Mas antes da partida, confiava a sua noiva um ramo de coral delicadamente cortado. Para encher o vácuo de sua solidão infinda, teria a jovem procurado imitar com a

agulha, num rendilhado linho, a preciosa lembrança. Entretanto, não o conseguia porque a complexidade do desenho dificultava-lhe a tarefa. Então, tomando os fios entre as próprias mãos, entrelaçou-os e os dispôs de tal maneira que teceu, sem o auxílio da agulha, as malhas e o desenho ornamental. O amor e a saudade teriam produzido a renda maravilhosa.

(MENDONÇA, 1961, P.85)

Por outro lado, completa Herman Lima:

A lenda flamenga é em torno duma alga. A bordadora é de Antuérpia. O noivo partiu para longe, deixando-lhe também de lembrança uma erva marinha estranhamente recortada. Os dias de ausência sucedem-se; o bem amado não regressa. Para encher as horas, a rapariga põe-se a copiar à agulha, sem outro desenho e sem tecido de suporte, a alga maravilhosa.

(LIMA, Hermam. Rendeiras: Imagens do Ceará, p.85)

Conta-se ainda que um marinheiro, ao regressar de longa viagem, traz para a noiva um lindo anel. Porém, mal tendo chegado, foi convocado para a guerra. Como meio de atenuar as saudades do amado, a moça passa a reproduzir a imagem do presente recebido em forma de renda. Um segundo conto aponta a intervenção de Nossa Senhora, que, atendendo ao pedido de uma pobre camponesa, lhe dá o meio de subsistência em forma de novelos para que possa fazer rendas. Em outro relato folclórico, a primeira renda foi executada pela filha de um cacique, imitando o trabalho das aranhas em teias vistas no alto de sua oca.

Pesquisar modos de fazer tradicionais envolve vertentes históricas e folclóricas, que, por vezes, se confrontam e por outras convivem em pacificidade, fazendo parte da vastidão do termo cultura.

Tomamos para esta dissertação o conceito de cultura da Conferência do México (1982), “cultura é o conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social (...) engloba modos de vida, os direitos fundamentais da pessoa, sistemas de valores, tradições e crenças”. Sendo assim, além dos registros históricos documentais e bibliografia científica, o folclore, com suas lendas, contos, toadas⁴ e especialmente os interlocutores auxiliam na tentativa de compreender o contexto em que está inserido o artefato em renda de bilros.

Lendas à parte, surgida do bordado, a renda de bilros (também conhecida por renda de almofada) trabalha com pontos no ar, sem tecido pré-existente, tomando forma aos poucos através de trançados ou enrolados sobre si mesmos, presos por uma extremidade a uma das pontas do bilro e outra fincada por espinhos, em um molde de papelão (picado) preparado anteriormente com o desenho a ser executado e posto em cima da almofada. Sua execução depende da habilidade da rendeira e, sobretudo, sua destreza manual, na troca dos bilros, executada em velocidade tal que dificulta uma observação detalhada.

Como tradição cultural, as rendas de bilros sempre estiveram ligadas à estrutura familiar pela ação da mulher, complementando o trabalho masculino da pesca artesanal, tornando-se atividade com retorno financeiro importante para o núcleo familiar.

⁴ Cantiga de harmonia simples, constante e de composição textual normalmente curta, contudo, com estrofes e refrão. Música apresentada durante a festa do bumba-meu-boi, uma encenação, espécie de auto em que se misturam teatro, dança, música e circo, tradicionalmente realizado no período das festas juninas, o bumba-meu-boi encena o rapto, morte e ressurreição do boi envolvendo diversas personagens folclóricas, dentre elas: o boi, o vaqueiro, o donos da fazenda, os músicos e os personagens principais da lenda - Nego Chico e Catirina. No Maranhão, as toadas podem ser compostas por melodias de diversos tipos - simples, ora chorosa e triste, ora álcere e bulçosa, ora cômica ou satírica. Os instrumentos mais comuns nas toadas são os de percussão: tambores, pandeirões, matracas (dois pedaços de madeira batidos um contra o outro), maracás (uma espécie de chocalho) e tambor-onça (tipo de cuíca rústica, de som gravíssimo).

Em ensaio sobre a renda no nordeste brasileiro, o escritor alagoano Leite Oiticica traça um panorama desta atividade tradicional e seu perfil na região. Segundo o autor, a renda era um fazer eminentemente feminino e, como fonte de recurso, estava associada às camadas inferiores da sociedade. No passado, diz ainda o autor, a mulher rendeira dividia seu tempo entre os afazeres da casa e a almofada.

Passatempo de matronas abastadas de outrora ou meio de vida de mulheres sem haveres, o certo é que a arte da renda era, mais no passado do que hoje em dia, ofício de gente pobre que vivia nas praias ou em localidade de caráter rural. De mulheres que tinham que completar o orçamento doméstico com o trabalho paciente e vagaroso de fazer renda de almofada para vende-la diretamente a quem as encomendasse ou a intermediário que as revendia nas cidades ou capitais, onde há aficionados desse tipo de obra manual. (1967:16)

O primeiro estudo sobre a verificação e a distribuição geográfica da renda de bilros no espaço brasileiro se deve ao casal Luísa e Artur Ramos. Segundo o casal, na região Nordeste concentra-se o maior foco de produção desse artefato, podendo-se destacar como principais regiões de atividade rendeira os estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia; a região Sul, com seu foco principal em Santa Catarina; no extremo Norte, o Pará; no Sudeste, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A finalidade deste capítulo é apresentar os lugares que fazem parte desta pesquisa (a partir do local específico onde aconteceu a etapa de entrevistas e coleta de dados, até os locais visitados apenas pela bibliografia estudada, Ceará e Portugal), assim é possível vislumbrar e traçar enfim a trajetória dos artífices (rendeiras) e artefatos (rendas de bilros) que são os sujeitos desta dissertação.

2.1 RAPOSA: COLÔNIA DE PESCADORES, LAR DAS RENDEIRAS

Até pouco tempo, uma investigação histórica sobre homens e mulheres de uma pequena comunidade pesqueira não se justificaria. A idéia de que os registros históricos eram espaços reservados a heróis, e heróis masculinos, e a seus grandes feitos, não deixavam frestas por onde ecoassem as vozes dos mortais comuns: homens e mulheres, seres vivos e concretos, inseridos numa sociedade, participando de um emaranhado de funções, preocupações e atividades múltiplas, que, salvo a luta pela sobrevivência, não pretenderam nenhuma atitude heroica⁵.

Por um longo período, os registros históricos eram espaços reservados aos grandes homens e seus feitos heroicos. Os livros, textos e arquivos encontravam-se abarrotados de figuras ilustres: os “fazedores da história.” Essa visão elitista que reservava o anonimato ao resto da humanidade, aos poucos perdeu espaço para uma nova forma do fazer histórico. Ao se interessar pelos mortais comuns e suas atividades, a História expandiu seus objetivos, formulou novos problemas, novas abordagens e problematizou novas fontes.

O estudo sobre as rendeiras da Raposa torna-se relevante uma vez que procura focar as trajetórias e experiências de pessoas comuns, rendeiras, e o modo de se posicionarem como sujeitos ativos na comunidade em que vivem. Nessa perspectiva, o cotidiano surge como um espaço fértil para o estudo da cultura, um lugar também de produção, de pluralidade de ações e tensões.

⁵ THOMPSON. E. P. APUD: PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.) A Escrita da História – Novas perspectivas. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 192. 7 A Escola dos Annales principalmente representada por Lucien Febvre e Marc Bloch, a partir de 1929, certamente contribuiu na divulgação da chamada “nova história”. Uma história que, segundo Lucien Febvre, não deveria se interessar pelo “homem abstrato, eterno, de fundo imutável e perpetuamente idêntico a si mesmo, mas pelos homens sempre tomados no quadro das sociedades em que são membros, numa época bem determinada; pelos homens dotados de funções múltiplas, de atividades diversas, de preocupações e de aptidões variadas”. FEBVRE, Lucien. Viver a História: palavras de iniciação. In: Combates pela História. Ed. Presença, 1989, p. 30.

O município de Raposa faz parte da Ilha de São Luís, localizada a noroeste do estado do Maranhão, juntamente com as cidades de São Luís (capital), São José de Ribamar e Paço do Lumiar, além de pequenos povoados e praias com menor densidade populacional. Está a 28 km da capital São Luís, tendo acessos por terra (MA - 202) e por mar.

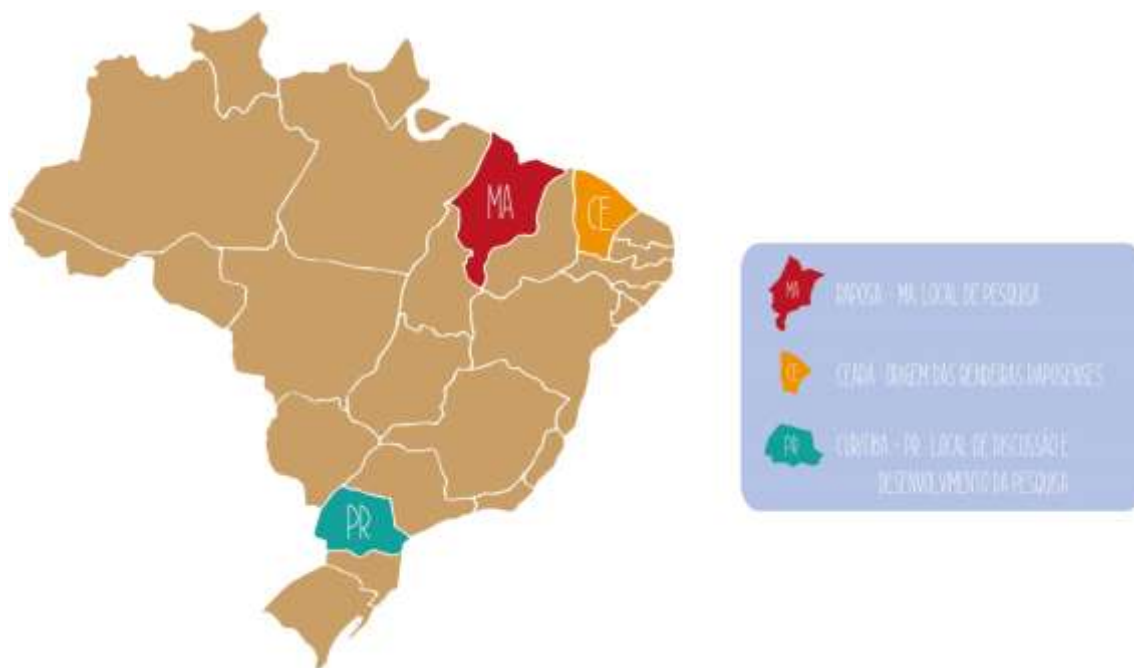


Figura 1 – Mapa do território brasileiro, em destaque os estados do Maranhão, Ceará e Paraná, envolvidos diretamente na pesquisa e dissertação.



Figura 2 – Mapa da ilha de São Luís, composta por São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. Em destaque, a área territorial correspondente à Raposa.

O território, originalmente conhecido como praia da Raposa, era uma das praias pertencentes ao município de Paço do Lumiar e emancipou-se na data de 10 de novembro de 1994, sendo elevado à categoria de município e ocupando 66,280 km² de extensão da grande ilha de São Luís.

Segundo dados do IBGE (2014), atualmente possui uma população estimada de 29.167 habitantes. É conhecida por seu artesanato tipicamente cearense, com destaque para a produção das Rendas de Bilros, pela atividade pesqueira, com frutos do mar que abastecem o município e as cidades vizinhas e pelas suas praias desertas. Do ponto de vista turístico, atualmente, a Raposa é destino alternativo à visitação na capital São Luís do Maranhão, tendo como principais atrativos os passeios nas praias e dunas da região, vasto manguezal preservado e apreciação da gastronomia por meio de pratos típicos baseados em frutos do mar.

A comunidade raposense esteve isolada até meados de 1964, situação que mudou quando foi iniciada a construção do primeiro acesso rodoviário ligando a Raposa à cidade de São Luís. O asfaltamento da ligação entre as duas cidades (MA 202) data de 1977.

Até o século XVI, a região atualmente ocupada pelo município era tradicionalmente habitada pela etnia indígena dos potiguaras⁶.

O município de Raposa, segundo Almeida (2007), destaca-se por possuir a maior e mais importante comunidade pesqueira e contribui com a maior produção de pescado no estado do Maranhão, com pescadores oriundos predominantemente de outras unidades federativas. Desde o surgimento do povoado, que deu origem a sede municipal de Raposa, o pescador sempre foi personagem marcante na realidade local. Muitos pescadores cearenses deslocavam-se até a praia da Raposa para pescar em águas maranhenses e nas altas temporadas montavam seus acampamentos. Em meados de 1940, começaram a trazer as suas famílias e a fixar morada, a partir daí iniciando um movimento migratório nordestino de cearenses em direção ao Maranhão, que iniciou-se com Antônio do Pocal e José Baiaco, vindos da cidade do Acaraú – CE e deu origem à colônia de pescadores na praia da Raposa.

⁶ Grupo indígena que habitava a região que se estendia do litoral do estados do Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte até a Paraíba, quando os portugueses e outros povos europeus chegaram ao Brasil, no século XVI. Foi uma das etnias tupis notáveis por ser capaz de resistir por tanto tempo utilizando um complexo sistema de alianças com ingleses e principalmente franceses comerciantes de pau-brasil.

“Quem conheceu a Raposa há muitos anos atrás era uma prainha antiga, do pai do pai dos meus pais, vinha pescador de todos os lugares, aqui tem peixe bom. Foram ficando e hoje estamos ainda aqui, indo pro mar, voltando” (Seu Aauto⁷, pescador. 2014)



Figura 3 – Praia da Raposa na década de 50 (Fonte: acervo da Associação das Rendeiras da Raposa).

A presença dos pescadores é destacada por RAMOS (2005) no título *A Comunidade de Raposa Revisitada*, já a presença das rendeiras fica apenas implícita e restrita ao trecho “trouxeram consigo mulheres e filhos, fixando moradia na praia da Raposa”.

⁷ Seu Aauto, pescador, 69 anos, é marido de uma das rendeiras da Associação das Rendeiras, conhecida por Dona Pretinha. Passando pela casa sede em uma das tardes de entrevista com as artesãs, falou um pouco de suas memórias acerca da Raposa de sua infância, de seus pais e avós, quando não passava de uma praia, sem estradas ou iluminação. Suas palavras e sua breve e pontual contribuição vieram a enriquecer esta pesquisa.

Consciente de que “a história não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra à sua maneira, a matéria da história”⁸, esta pesquisa aborda a multiplicidade e a riqueza dos caminhos, trajetórias, escolhas e conquistas das mulheres rendeiras, que, assim como os pescadores, participaram ativamente da construção das tradições do território raposense.

Ao alongar por demais seu depoimento, as próprias rendeiras retiraram, em tom de brincadeira, Seu Adatao, breve interlocutor desta narrativa, do local, alegando, segundo suas palavras, que:

Aqui não vai ter história de pescador não Seu Adatao,
aqui vai ter história de mulher rendeira.

(Marilene, rendeira. 2014)

⁸ RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SÍLVIA, Zélia Lopes da (org). Cultura e História em debates. São Paulo, 1995.p. 81.

2.1.1 ASSOCIAÇÃO DAS RENDEIRAS DA RAPOSA

Simultaneamente à atividade de pesca e coleta de mariscos, desenvolveu-se entre as mulheres de Raposa há muitas gerações, a produção de renda de bilros. A pesca artesanal, por muito tempo, garantiu a sobrevivência das famílias da comunidade. Essa atividade era realizada em jangadas de piúba, madeira leve, e muitas eram fabricadas pelo próprio pescador. As jangadas depõem de compartimento abaixo da proa, onde se guarda o pescado. Sem nenhuma segurança ou conforto, os pescadores ficavam até seis ou sete dias em alto mar, e só retornavam quando consideravam a quantidade, “boa”, do pescado.

“Os imprevistos acontecia e às vezes as pescarias não rendiam, e eles voltavam pra casa com quase nenhum peixe pra família.”

(Marilene, rendeira. 2014)

Acerca da tradição das rendas de bilro em Raposa, a rendeira Marilene, em depoimento, revela sua origem.

A tradição aqui é desde a década de 40, pra cá pra Raposa, onde veio a colonização do cearense, que trouxeram pra cá, certo? E daí vieram as rendeiras, algumas rendeiras pra cá, e como a fonte de renda que tem aqui é mais a pesca, não dava pra sustentar a família. O que eles fizeram? As mulheres começaram a fazer renda e vender.

Para compreender o universo de vida e de trabalho e os significados das relações construídas e experimentadas no cotidiano de uma comunidade de

rendeiras e pescadores, procurou-se seguir os relatos das rendeiras entrevistadas, que levaram a pesquisa por caminhos de marcação de tempo e de experiências vividas, rememoradas e resignificadas nas falas.

Importante ressaltar que aqui, as falas das mulheres rendeiras são transcritas sem qualquer alteração ou correção ortográfica, preservando os sotaques e discursos das interlocutoras. Enquanto recordam os anos passados, a rede de interlocutoras traz em suas falas a origem do município, a fundação de sua Associação das Rendeiras, os costumes, as tensões, as mulheres que foram importantes para a história das rendeiras, o aprendizado/ ensino do fazer renda e diversos outros temas, incluindo boatos e falatórios acerca de outras rendeiras que já não fazem parte do grupo e mulheres de outras localidades próximas.

Era comum, no passado, a rendeira trabalhar sem remuneração, para a própria família, no preparo de enxoval de parentes, de trajes de casamento ou de batismo, ou na confecção de uma renda de metro para cobrir o altar-mor da igreja local, peça que era entregue ao vigário por ocasião do Natal. Quando questionada sobre a devoção à Igreja, a entrevistada revela:

“Aqui a mais devota era a dona Didi, ela fazia as renda que cobriam o altar da igreja da Paróquia de São Pedro Apóstolo, lá no comecinho da Raposa, na entrada. Ela dizia que a mulher, a rendeira, era responsável por deixar a igreja bonita, e que essa era a missão dela. Fez isso até ficar bem velhinha, faleceu aos 101 anos, era rendeira boa como tá difícil de encontrar hoje”. (Dona Maria de Jesus, rendeira. 2014)

A história das rendeiras da Raposa é também a história da Associação das Rendeiras (Figura 4), misto de oficina e centro comercial, fundada em 1988, decorrente das ações do segundo Plano de Metas do Governo Virgílio Távora, cujo objetivo na área social era a estruturação de cooperativas e polos artesanais. Tornou-se o espaço de produção e venda do artesanato local,

principalmente da renda de bilros. A construção deste Centro considerado como a mais significativa referência de “profissionalização” das rendeiras da Raposa, representou um marco na vida dessas mulheres, já que lhes proporcionou uma estrutura física centralizadora do trabalho artesanal, até então realizado em ambiente domiciliar. Como espaço de trabalho alterou os múltiplos significados e dimensões das rendeiras e de suas famílias. Na data de fundação, a Associação das Rendeiras contava com 55 associadas, atualmente conta com 45. A reunião do grupo trabalhando em um mesmo espaço ao mesmo tempo em que passou a atrair a atenção das pessoas, por dar maior visibilidade à atividade da rendeira, e incentivou a organização do grupo e, conseqüentemente, da produção.



Figura 4 – Associação das Rendeiras da Raposa (Fonte: acervo do pesquisador)

A construção da casa sede da Associação das Rendeiras da Raposa, certamente não foi influenciada e tampouco determinada pela participação direta de nenhuma das rendeiras que a ocupam desde a inauguração em

agosto de 1989. Na verdade, um conjunto de acontecimentos favoreceram à construção dessa casa, o principal deles, apontado pelas artesãs foi a abertura da Raposa para a atividade turística, principalmente após a chegada da energia elétrica e dos transportes, que intensificaram a procura pelas rendas produzidas pelas mulheres da comunidade.

A sede da Associação das Rendeiras da Raposa está situada à Travessa Formosa, Rua da Lavanderia, nº 223, Bairro Carcarape, município de Raposa – MA. A construção encontra-se na região central da cidade, trecho de maior movimento e passagem obrigatória dos turistas que visitam, por ser a única avenida que leva à praia e ao cais até o momento. O prédio foi cedido pela Prefeitura de Raposa no ano de 1989, sendo ocupado pelas artesãs desde então, servindo como local de reunião para a realização do trabalho e ponto de vendas dos produtos.

“A gente começou com 55 mulheres na época. Ficamos assim um bom tempo, inventando uma coisa, fazendo outra, a gente continuou a fazer coisas melhores, e o pessoal começou a aparecer mais. Hoje a gente recebe encomenda de fora, dos outros estados, daqui também do próprio São Luis né?”
(Dona Lourdes, rendeira, 84 anos. 2014).

A produção é feita inteiramente na casa sede pelo grupo de mulheres associadas, cada qual responsável pelo ciclo de produção de suas próprias rendas, desde o preparo da almofada que serve de apoio para o trabalho até a finalização da peça. Cada peça de vestuário leva cerca de uma semana para ficar pronta, sendo então distribuída nos diferentes pontos de venda no próprio município e na cidade de São Luis.

Além da casa sede, as artesãs contam com pontos de distribuição e venda como: CEPRAMA (Centro de Produção Artesanal do Maranhão), mantido pelo governo do Estado do Maranhão, localizado à Rua São Pantaleão, 1332, bairro Madre Deus (Figura 5), e IDAM (Instituto de

Desenvolvimento do Artesanato Maranhense), mantido pelo SEBRAE – MA, endereçado na Rua do trapiche, s/n, Praia Grande (Figura 6), ambos centros de artesanato produzidos no Maranhão, localizados na cidade de São Luis. Ainda em São Luis, as rendas podem ser encontradas com facilidade no Centro Histórico, especialmente a Rua Portugal, onde encontramos diversas pequenas lojas de artesanato nos casarões tombados pelo Patrimônio Histórico e Cultural.



Figura 5 – CEPRAMA: Centro de Produção Artesanal do Maranhão (Fonte:acervo do pesquisador)



Figura 6 – IDAM: Instituto de Desenvolvimento do Artesanato Maranhense (Fonte: acervo do pesquisador)

Em Raposa, as portas das casas e palafitas da Rua Principal, conhecida popularmente como Corredor da Rendeira foram transformadas em pequenas lojas de artesanato, onde são comercializados os artefatos confeccionados em renda de bilro, redes de descanso, redes de pesca, peças de vestuário feminino e adornos decorativos de mesa e cozinha.

Sua produção, ainda conta com circulação em feiras e eventos regionais e interestaduais de artesanato. Às artesãs são disponibilizados transporte e hospedagem para várias regiões do país, por intermédio do Governo do Estado ou do SEBRAE – MA, o que causa um impacto significativo nas vendas. Além de vender os produtos que levavam prontos, as rendeiras confeccionavam as rendas ao vivo sempre que possível.



Figura 7 – Casa e Comércio de rendas na Avenida Principal em Raposa (Fonte: acervo do pesquisador)

Com lugar certo para expor os produtos, fica para trás o tempo de muitas dificuldades, onde as rendeiras vendiam seus produtos em caixas, na praia e pelas ruas, de casa em casa, caminhando ao sol. Tempo este em que:

“Era muito difícil de vender, muito difícil mesmo. A gente andava vendendo, aí diziam ‘eu não quero’, ‘eu não quero não’. Ia na casa da outra.....’eu não quero’... aí nós vendia pelo preço que eles queriam, vendia barato”

(Dona Maria de Jesus, rendeira. 2014)

Para dona Maria de Jesus, as dificuldades terminaram quando elas conquistaram o local de trabalho. “Naquela época (construção da Associação das Rendeiras) que eu vim pra cá, eu ganhei muito dinheiro. Melhorou a vida

de todo mundo. A comunidade toda se beneficiou com a construção da casa (Entrevista, 2014)".

A nova organização e o local de trabalho proporcionaram às rendeiras vender seus produtos a lojistas do estado do Maranhão e de outros estados, no esquema de atacado. Quando recebem encomendas em maior quantidade, mobilizam-se e fazem turnos de produção, levando em consideração a demanda dos clientes e o prazo de entrega.

As distâncias diminuídas por asfaltamento, inclusão de linhas de ônibus e os caminhos iluminados pela energia elétrica proporcionaram valorização das terras próximas ao mar e, conseqüentemente, atraíram interesse imobiliário. Esse fato desencadeou a construção de novas moradias e construções litorâneas, visando ser atrativos aos turistas, em contraste com as simples palafitas que margeiam a Rua Principal, acesso único da comunidade à praia da Raposa. Embora venha sendo tomada por construções de casas de veraneio nas últimas três décadas, os pescadores ainda utilizam jangadas em suas pescarias e as mulheres da comunidade continuam se dedicando ao artesanato da renda de bilros, ofício e tradição que aprenderam desde a infância.

"Na medida em que o processo se repete, tem-se a possibilidade de se falar sobre tradição, entendida, aqui, como prática e justificativa do artesanato que se mantém, variando ou não, como algo de interesse do grupo e como elemento em que se define uma determinada linha de atividade econômica."

À semelhança de outras mulheres, as rendeiras da comunidade da Raposa são responsáveis pelos cuidados com os filhos e pela lida diária. Seu cotidiano antes da Associação das Rendeiras é descrito por dona Maria de Jesus:

“Acordava cedo, pra varrer, cuidar da casa e da alimentação da família e, entre uma atividade ou outra, sentava eu no chão, na porta de casa, pra fazer renda. Fazia renda enquanto cuidava da casa e o menino dormia, depois do jantar, até cansar e dormir.” (2014)

A fundação da Associação das Rendeiras e construção da casa sede possibilitou às mulheres da comunidade o “rompimento” com o universo do espaço doméstico, assumindo o trabalho fora de casa. O trabalho sempre esteve presente na vida das rendeiras da Raposa, ora fazendo renda entre os afazeres domésticos, ora fazendo bolos e doces para aumentar o orçamento da família, essas mulheres trilharam por caminhos, onde vida e trabalho se entrelaçam. O espaço de trabalho para essas mulheres representou novas possibilidades e aumentou seu campo de atuação, uma vez que, o universo doméstico da renda de bilros adentra ao espaço público, modificando e alterando as relações sociais e interferindo de forma decisiva na vida de todos na comunidade.

Assim, percebo a cultura da renda de bilros como expressão das formas materiais e não materiais pelas quais as rendeiras criam e recriam, fazem e refazem, elaboram e reelaboram o cotidiano, através dos trabalhos com as mãos. Trabalhos estes que, no passado servia como passatempo, uma atividade para as horas vagas e que, a partir da organização do grupo de mulheres em Associação, eleva-se ao status de trabalho, que contribuem e garantem o sustento da família.

2.2. CEARÁ: HERANÇA RENDEIRA

"...E os dedos trocam os bilros
num vaivém de ritmos atroantes
e é como se mãos de crianças se enredassem nos
desenhos do estrado
que a artesã-rendeira vai ao tempo bordando..."

A Rendeira, de José Alcides Pinto

Em épocas coloniais, com a decisão do rei de Portugal D. João III em dividir o Brasil em capitanias hereditárias, coube ao português Antônio Cardoso de Barros, em 1535, administrar a Capitania do Siará (como era chamada a região correspondente às capitanias do Rio Grande, Ceará e Maranhão). Entretanto a região não lhe despertou interesse. Só em 1603 o açoriano Pero Coelho de Sousa liderou a primeira expedição à região, demonstrando interesse em colonizar aquelas terras.

Pero Coelho se instalou às margens do rio Pirangi (depois batizado rio Siará), onde construiu o Forte de São Tiago, depois destruído por piratas franceses. A esquadra de Pero Coelho teve que enfrentar ainda a revolta dos índios da região que, inconformados com a escravidão, destruíram o forte obrigando os europeus a migrarem para a ribeira do rio Jaguaribe. Lá, a esquadra de Pero Coelho construiu o Forte de São Lourenço. Em 1607, uma seca assolou a região e Pero Coelho abandonou a capitania.

Em 1612 foi enviado ao Siará o português Martim Soares Moreno, considerado o fundador do Ceará, que também se instalou às margens do Rio Siará (atualmente Barra do Ceará), onde recuperou e ampliou o Forte São Tiago e o batizou de Forte de São Sebastião. Deu-se início a colonização da capitania do Siará, dificultada pela oposição das tribos indígenas e invasões de piratas europeus.

No ano de 1637 a região foi invadida por holandeses, enviados pelo príncipe Maurício de Nassau, que tomaram o Forte São Sebastião. Anos

depois a expedição foi dizimada pelos ataques indígenas. Os holandeses ainda voltaram ao litoral brasileiro em 1649, numa expedição chefiada por Matias Beck e se instalaram nas proximidades do rio Pajéu, no Siará, onde construíram o Forte Schoonenborch.

Em 1654, o Schoonenborch foi tomado por portugueses, chefiados por Álvaro de Azevedo Barreto e o forte foi renomeado de Forte de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. A sua volta formou-se a segunda vila do Ceará, chamada de vila do Forte ou Fortaleza. A primeira vila reconhecida foi a de Aquiraz. Em 1726, a vila de Fortaleza passou a ser oficialmente a capital do Ceará após disputas com Aquiraz.

Oculto nos entremeios das disputas territoriais e tensões coloniais, foi trazida ao território cearense, no século XVIII pelas mulheres dos colonos portugueses, a renda de almofada. Na região ganhou adeptas da técnica que, devido aos preceitos de uma sociedade patriarcal, mantinha as mulheres em casa enquanto os homens travavam suas batalhas ou iam em direção ao mar em busca do pescado.

O estado do Ceará está situado no norte da Região Nordeste (Figura 8) e tem por limites o Oceano Atlântico a norte e nordeste, Rio Grande do Norte e Paraíba a leste, Pernambuco ao sul e Piauí a oeste. De acordo com dados do IBGE(2014) sua área total é de 148 920,472 km²,6 ou 9,37% da área do Nordeste e 1,74% da superfície do Brasil. A população do estado estimada para o ano de 2014 foi de 8 842 791 habitantes, conferindo ao território a oitava colocação entre as unidades federativas mais populosas. Tem por capital e maior cidade, Fortaleza.

Com origens portuguesas e relevante influência indígena, destaca-se na produção de redes com os mais diversos bordados e formas e as rendas de bilros, talvez o maior destaque da produção artesanal cearense. As rendas e os labirintos possuem maior destaque nas imediações do litoral, enquanto o interior se destaca mais pelos bordados. As pedras semipreciosas também são exploradas na confecção de joias, sobretudo em Juazeiro do Norte, Quixadá e Quixeramobim. O Ceará sempre se destacou como um dos grandes produtores de artesanato do país. A atividade é fonte de sobrevivência de significativa

parcela da população de baixa renda, sendo reconhecida como expressão da identidade cultural e por sua importância no sistema econômico do estado.



Figura 8 – Localização em mapa: estado do Ceará Fonte: Google Maps

Como principais regiões produtoras de rendas de bilros cearenses, destacamos os municípios de: Acaraú, Camocim, Sobral, Fortaleza, Iguatu, Juazeiro do Norte e Prainha. A técnica das rendeiras fixou-se nestas regiões por motivos diversos, porém, permanecem nestas até os dias de hoje devido a uma série de políticas públicas do Governo do Ceará para a valorização do artesanato local, de acordo com Luísa e Artur Ramos em seus estudos, divididos em duas partes: Coleção Luisa Ramos e Coleção Rendas do Ceará. Esse trabalho:

Representa um estudo da renda nos municípios cearenses, feito em contato com a rendeira, aprendendo com ela os segredos da arte, suas características mais importantes no campo folclórico, sua semelhança com as de outras regiões brasileiras, e mesmo estrangeiras, assim como os motivos de sua decadência. (GIRÃO, Valdelice Carneiro. Rendas de Bilros. op. cit. P.5)

Na coleção Arthur Ramos pertencente ao Museu Arthur Ramos, em Fortaleza, consta amostra das variadas rendas de bilros e dos utensílios utilizados em sua confecção. Coletadas e reunidas pela sua esposa Luisa Ramos, a primeira parte dessa coleção compreende o material de rendas anteriores ao século XX, e consta de amostras de renda de bilros da maioria dos estados brasileiros e de alguns países estrangeiros; a segunda parte contém amostras de produção mais recentes.

O baixo custo para produzir a renda é um forte aliado dessas mulheres, visto que parte dos materiais necessários à sua fabricação são retirados da paisagem local, e os instrumentos de trabalho (almofada, bilros, espinhos) são normalmente confeccionados por elas. Além das políticas públicas de apoio às rendeiras do Ceará, que fornecem as linhas e agulhas usadas na fabricação das rendas.

As políticas desenvolvidas pelo BNB e SUDENE, iniciadas na década de 1950 destacaram a importância da atividade artesanal no Ceará. No entanto, desde a década de 1970 que o artesanato cearense testemunhou um incentivo jamais visto. A comercialização de rendas e bordados, antes restrita ao Mercado Central de Fortaleza, expandiu-se pelos bairros da cidade, concentrando-se principalmente na Avenida Monsenhor Tabosa⁹.

Nos anos de 1970, a ação de fomento às atividades artesanais era exercida pelo Departamento de Artesanato e Turismo da Secretaria de Indústria e Comércio. Assim sendo, através da Empresa Cearense de Turismo (ENCETUR), foi elaborado, em 1975, o Primeiro Plano Piloto do Artesanato Cearense. Em 1976, apoiado pela Secretaria de Planejamento do Estado, pelo INCRA e pela SUDENE, deu-se início ao Programa Integrado do Desenvolvimento Artesanal (PIDART)⁸.

⁹ A Avenida Monsenhor Tabosa, antiga Rua do Seminário, passou a ser referência para quem queria adquirir produtos artesanais. Foram construídas lojas de requintes especializadas em produtos artesanais locais. Nesta rua está situada também o Palácio da Microempresa do Serviço Brasileiro de apoio à Micro e Pequena Empresas (SEBRAE), que dá suporte econômico às pequenas empresas do Estado.

⁸ PLAMEG II, op. cit, p.183

Foi também desta década, a fundação da Associação Brasileira de Artesãos – seção Ceará, em 1975, e a realização da ENXANOR – Exposição do Artesanato no Nordeste, sediada por quatro anos consecutivos em Fortaleza. Além disto, foi inaugurado o “Centro de Turismo, instalado na velha cadeia pública de Fortaleza, e com a quase totalidade de suas salas ocupadas por lojas de artesanato”¹⁰.

Nesta perspectiva, a Secretaria de Indústria e Comércio, articulada com o INCRA, deu os primeiros passos para montar no Ceará a estrutura de produção e comercialização do nosso artesanato em moldes cooperativistas. As atividades de treinamento, promoção e comercialização foi o primeiro esforço do governo estadual nesse setor.

Conhecer a produção artesanal do Ceará, nas mais variadas expressões, os municípios de origem, as formas de comercialização e, principalmente, os reais obstáculos ao seu desenvolvimento, foram as preocupações primordiais dos órgãos públicos estaduais voltados ao incentivo deste setor econômico.

A interferência do Estado no universo de trabalho das rendeiras do Ceará transformou seus produtos em bens de consumo no mercado turístico, provocando transformações em suas relações de trabalho e circulação dos artefatos. Estes fatores não serão analisados em profundidade por não fazerem parte dos objetivos desta pesquisa, mas servem de panorama para entender as relações das rendeiras cearenses e as rendeiras de Raposa em um contexto geral.

¹⁰ SAMPAIO, Dorian. Anuário do Ceará. O Ceará nos anos 70. p103

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

"O que é história oral? É um método? Uma disciplina? Um tema novo? Na minha opinião é uma abordagem muito mais ampla: é a interpretação da história, das sociedades e das culturas por meio da escuta e do registro da história de vida das pessoas. E a habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar" (Paul Thompson, 2006)

A História Oral se apresenta ao pesquisador como uma possibilidade de ouvir atores sociais por vezes renegados pela História, que por vezes pouco se debruçou sobre a história de pessoas "menores"¹¹, sendo assim fonte importante na coleta de depoimentos acerca de seus ofícios principalmente porque muitas informações contidas em seus depoimentos não estão depositadas nos arquivos. Elas chegam até nós através da memória. Neste sentido, "a memória constitui um elemento de significativa importância à reconstituição do processo histórico"¹².

Ao relatar suas memórias, as pessoas nos convidam a entrar num campo rico de vivências e de experiências, chamado "cotidiano". É o estudo do cotidiano que nos possibilita perceber como elas constroem, experimentam e vivenciam as relações sociais. Para além das definições e dos conceitos do termo comunidade, este estudo narra a trajetória de mulheres que certamente divergem, entram em conflitos, mas que, em meio ao antagonismo e às diferenças pessoais, apresentam objetivos comuns que as unem e as identificam como membros da Associação das Rendeiras da Raposa. Comunidade, nesta narrativa entendida como lugar das ações e relações tecidas cotidianamente pelas artesãs.

¹¹ A expressão "pessoas menores" refere-se à importância histórica destinada às pessoas comuns, na perspectiva da História Oficial. PERROT, Michele de. *Os Excluídos da História: operário, mulheres e prisioneiros*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1998, traz uma discussão interessante sobre as formas diferenciadas e particularizadas de inserção dos grupos menores nos registros históricos.

¹² FUNES, Eurípedes A. "Nasci nas matas, nunca tive senhor" – História e memória dos mocambos do baixo Amazonas. In: *Liberdade por um fio: História dos Quilombolas no Brasil*. REIS, João e GOMES, Flávio dos Santos (orgs). Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1996, p.468.

De acordo com Thompson (2006), memória, entendida no sentido original do termo, é tudo aquilo que uma pessoa retém na mente como resultado de suas experiências. Ela é seletiva, seja um procedimento consciente ou não. Portanto, não é um depósito de tudo que nos acontece, mas um acervo de situações marcantes. Diante disso, o autor questiona o que seria a história, esclarecendo em seguida que trata-se da narrativa que articulamos a partir dos registros da memória. Toda história é uma articulação de passagens que ficaram marcadas. Numa sociedade sempre há quem tenha o poder de registrá-la em jornais, livros, arquivos etc. Esta pesquisa trata de mulheres que ainda não tiveram os meios de registrar suas histórias.

3.1. MÉTODO DE PESQUISA

Thompson (2006) considera a história oral um campo interdisciplinar. Para o autor, “é uma abordagem ampla, é a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas”.

Estando filiado ao campo do design e à linha de pesquisa Sistemas de Produção e Utilização, considero a contribuição desta pesquisa ao colocar o designer como portador de ferramentas para a obtenção de narrativas acerca dos artífices e artefatos, trazendo à discussão o que Paul Thompson chama de vozes ocultas¹³, e inserido no contexto da produção e circulação dos objetos em sociedade.

¹³WORCMAN, Karen e PEREIRA, Jesus Vasquez. História falada: memória, rede e mudança social / São Paulo : SESC SP : Museu da Pessoa : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 24.

De acordo com Bürdek (2006, p.230) o design é uma disciplina que produz realidades materiais e comunicativas: os objetos contam histórias, contam como foram feitos, a tecnologia utilizada, o contexto cultural em que foram construídos. A partir disso QUELUZ (2012) afirma podermos ir mais além, complementando que os objetos nos contam histórias das pessoas que projetaram, fabricaram, consumiram, usaram, colecionaram, representaram, descartaram estas coisas. Artífices e artefatos dialogam entre si durante a trajetória, as mulheres entrelaçam os fios, que por sua vez dão origem à renda, objeto que as concede o título de rendeira.

"Seguindo o pensamento de Mauss, é possível imaginar o próprio corpo como artefato, enquanto resultado de aprendizagens contínuas ao longo de toda a nossa existência. Neste sentido, as condutas motoras, mediadas pela cultura material, seriam técnicas de si e modos de subjetivação" (WARNIER, 1999 apud. QUELUZ, Design & Cultura Material, 2012, p. 8)

Kopytoff (2008) explica que “a produção de mercadorias é também um processo cognitivo e cultural: as mercadorias não devem ser apenas produzidas materialmente como coisas, mas também culturalmente sinalizadas como determinado tipo de coisas” (2008, p. 89). A proposta de Kopytoff embaraça as fronteiras construídas entre sujeitos e mercadorias, conferindo aos primeiros o status de mercadoria em determinados contextos simbólicos e temporais, e às últimas, uma biografia cultural, uma trajetória social tanto quanto a de qualquer indivíduo. Entendo que as mulheres da Associação das Rendeiras entrelaçam suas trajetórias com as trajetórias dos objetos que produzem, renda e rendeira sinalizando juntas a cultura material atrelada ao território de Raposa, com fortes laços com sua herança cearense.

Esta pesquisa, do ponto de vista de sua natureza, por objetivar a geração de conhecimento para aplicação prática dirigido à solução de

problemas, tem seu método de abordagem classificado como pesquisa aplicada, envolvendo verdades e interesses que vão além do objeto. Considerando que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados filiam essa pesquisa ao processo de pesquisa qualitativa, tendo o ambiente natural como fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Os dados coletados nesta pesquisa são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes no cotidiano de trabalho das mulheres rendeiras.

No âmbito dos seus objetivos tomamos a pesquisa por exploratória em sua fase preliminar, a busca pelas fontes primárias de informação sobre as Rendas de Bilros e as mulheres da Associação das Rendeiras, seu acervo fotográfico e documental, além de levantamento bibliográfico, pesquisas similares, coleta de depoimentos via entrevistas. Estas possibilitando a definição e delineamento do assunto investigado, a delimitação do tema da pesquisa. Em sua segunda fase, caracterizamos a pesquisa como descritiva, onde o pesquisador registra e descreve os fatos observados sem nos mesmos intervir, no caso o ofício da rendeira no município de Raposa - MA, fazendo o uso de observação sistemática para a coleta de dados. Após esta, o pesquisador procura explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados, visando identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos; o pesquisador “aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas.” (GIL, 2010, p. 28). Nesta pesquisa, as análises focam no motivo do deslocamento das rendeiras cearenses ao Maranhão, sua permanência na região, suas tradições, modos de fazer, seus artefatos.

Os procedimentos técnicos utilizados envolveram o levantamento bibliográfico, utilizando material já publicado em forma de livro pela historiadora Valdelice Carneiro Girão, pesquisadora da Universidade Federal do Ceará, como base para dissertar acerca da região do Ceará e sua produção rendeira. A pesquisa documental deu-se por meio da ata de criação da Associação das

Rendeiras de Raposa - MA, datada de 1988, obtida no acervo da própria sede da Associação, registros de reuniões e estatuto, analisados tendo em vista delimitar o universo de pesquisa, os documentos de registro da casa sede e fotos guardadas e mantidas pelas rendeiras. Nesta pesquisa, ainda contamos com a pesquisa de campo, que proporcionou o aprofundamento do conhecimento sobre o universo de pesquisa através de observação e registro de fatos espontâneos que permeiam o ofício da mulher rendeira.

Na primeira etapa, de revisão bibliográfica, em busca de pesquisas similares que pudessem dialogar com a dissertação, deu-se em torno das seguintes palavras-chave: cultura material, Rendas de Bilros, trajetórias, rendeiras, rendeiras de Raposa, rendeiras do Ceará, rendeiras do Nordeste.

Nesta etapa não foi encontrada pesquisa que tratasse especificamente da memória das rendeiras da cidade de Raposa, seja no Portal de periódicos da Capes, Scielo ou na própria biblioteca da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Em segundo momento buscou-se pesquisas similares acerca do tema em fontes online na Universidade Federal do Ceará, onde foram encontrados os estudos publicados pela Prof.^a Valdelice Carneiro Girão, do período de 1966 a 2002, que enriqueceram o campo de estudo com dados sobre as rendas e rendeiras da região cearense, ponto de partida para formular questões sobre as rendeiras de Raposa, além de descrição acerca do ofício da mulher rendeira, o feitiço da Renda de Bilros, materiais e descrição do processo de fazer renda.

Na segunda etapa temos a pesquisa empírica que permitiu alinhar os conceitos e teorias levantadas na tentativa de obter informações sobre as fontes primárias. Nesta investigação empírica, deparei-me com a realidade de seu universo de pesquisa, sem controle sobre os eventos, cabendo relatos sobre os caminhos seguidos na busca pelas fontes de informação primárias, na Associação das Rendeiras da Raposa, acesso a seus documentos oficiais e registros de sua fundação em ata, datada de 1988. A narrativa da pesquisa empírica encontra-se em primeira pessoa, e teve como principal ferramenta de registro os diários de pesquisa, descrevendo as ações do período de junho a agosto de 2014 nas cidades de São Luis e Raposa, no estado do Maranhão.

A ferramenta que permitiu a sistematização das informações obtidas nas entrevistas, sua organização e arquivamento foi baseado no modelo de protocolo de pesquisa para transcrição e sistematização de entrevistas proposto por CORRÊA (2008). Nele constam as informações necessárias para que o pesquisador, no papel de entrevistador, tenha todas as narrativas obtidas em áudio ou vídeo, transcritas em forma textual, dividida em temas e turnos, onde revezam-se as falas do entrevistador e do entrevistado.

Cada entrevista seguiu o protocolo de entrevistas na fase de transcrição, como forma de registro e validação dos dados ali contidos, assim como a autorização das rendeiras para o uso de suas narrativas, obtida na fase anterior às entrevistas.

Classificação:	Mês/Ano:
Data de transcrição:	
Tema:	
Lugar (onde foi realizada a entrevista):	
Data:	
Participantes:	
Resumo:	
Turnos:	

Quadro 1 – Protocolo de pesquisa para transcrição e sistematização de entrevistas. Fonte: CORRÊA, 2008.

O procedimento que utilizo para análise e interpretação é a reconstrução das narrativas das artesãs sobre os artefatos. Entendo que, como artífices e detentoras do saber acerca das tradições e saberes atrelados aos modos de fazer das rendas de bilros, são as fontes primárias de informações sobre os artefatos, tanto o ferramental utilizado no feitiço das rendas quanto os produtos feitos em renda de bilros.

3.2. PESQUISA EMPÍRICA

A trajetória que percorri para construir este estudo levou-me direto ao meu ponto de partida nesta jornada como pesquisador, minha cidade natal, São Luís do Maranhão. No ano de 2014, o tema e o problema de pesquisa que guiam este estudo foram definidos por experiências anteriores com as mulheres rendeiras. Em 2010, desenvolvi o trabalho de conclusão do curso de Desenho Industrial da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que tratava da interação entre designer e artesãos, ainda timidamente, mas apresentando os frutos desta interação através de produtos de vestuário. Como designer, trabalhei durante 2 anos desenvolvendo roupas em colaboração com as rendeiras de Raposa, por intermédio do SEBRAE – MA e do IDAM.

A reaproximação deu-se em 2014 e foi possível por meio de um convite que recebi para acompanhar um trabalho que estava sendo desenvolvido na Associação, de produção de acessórios (bijuterias) feitos em renda e miçangas. Este momento tornou-se uma oportunidade de reativar a rede de contatos e formular questões acerca daquele grupo, que, apesar da distância temporal e geográfica, ainda mostrava-se receptivo à minha presença, compartilhando suas histórias e experiências. Estas pessoas, que se tornariam interlocutores (as) nesta pesquisa, foram fator decisivo no momento de definição do tema desta pesquisa. A partir destes encontros, questionei sobre a presença de outros pesquisadores que já houvessem estado com o grupo a fim de registrar suas trajetórias, suas tradições e seus artefatos, recebendo a negativa como resposta. A partir disso formulei algumas questões e indaguei a possibilidade de acompanhar seu cotidiano de trabalho.

Tendo a proposta de estar presente durante suas atividades aceita pelo grupo, a primeira visita às rendeiras, realizada na data de 2 de junho de 2014, consistiu em apresentar o interesse do pesquisador em obter um relato sobre a trajetória de sua chegada à praia da Raposa, seu trabalho e sua relação com as Rendas de Bilros. O contato para agendamento desta visita foi feito através de Marilene Marques Moreira, rendeira e atual tesoureira da Associação. Não

houve quaisquer objeções à realização da pesquisa e, dispostas a contribuir para o relato de sua história, disponibilizaram acesso à ata de fundação da Associação das Rendeiras, datada do ano de 1988, fonte primária esta, que serviria de parâmetro para definição do universo de pesquisa. Como o documento não poderia ser retirado da sede, o registro foi feito através de fotografia. A partir da obtenção do documento, ficou acertada uma nova visita para o dia 6 de junho, onde, com o universo de pesquisa definido pela leitura documental, seria verificada a disponibilidade das artesãs selecionadas para participar de entrevistas e depoimentos, e gravação dos mesmos em áudio e vídeo.

No dia 6 de junho, ficou acordado a participação de três rendeiras como principais fontes para a coleta de depoimentos, sendo elas Marilene Marques (tesoureira e principal contato da Associação), Dona Lourdes e Maria de Jesus, estas duas, presentes no dia de assinatura da ata de fundação da Associação das Rendeiras. Explicou-se como seriam feitas as entrevistas e os registros das mesmas e ficou agendado o início dos depoimentos para o dia 10 de junho.

Nesta etapa, apresentou-se o formulário de consentimento, descrevendo o projeto de pesquisa, em poucas linhas, e nestas contidas as questões: “você autoriza que se utilize esta entrevista junto com o projeto?”, “você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?” e “você gostaria que seu nome fosse utilizado ou não?”. Estas três questões, apontadas por Thompson (2006), são de suma importância para que o trabalho em História Oral corra sem percalços ou problemas posteriores, validando a utilização destes dados pelo pesquisador.

As narrativas como procedimento metodológico tomar por base CORRÊA (2008), quando explicita que a entrevista “tem por objetivo compreender as percepções e construções individuais a respeito da realidade sócio-histórica, e, com isso, possibilita (re)localizar as mudanças culturais em uma sociedade local, ou grupo social determinado.”

"...a partir da interação entre o sujeito e o que ele (ela) diz a um outro com quem compartilha universos simbólicos (conhecimentos, pressupostos, sentimentos), busca-se por sentidos, que são atribuídos não só referencialmente, mas também contextualmente..."(CORRÊA, 2008. p 31)

O registro das narrativas em áudio aconteceu por meio de gravador de voz do iPod e os vídeos foram feitos inicialmente com o mesmo e, posteriormente, utilizando a câmera digital HD Canon SX 40HS, com melhor definição e recursos.

Conforme acordado, no dia 10 de junho deu-se início à coleta dos depoimentos das rendeiras, com Marilene Marques, tesoureira e principal contato da Associação com os clientes e parceiros. O depoimento foi gravado apenas em áudio neste momento, enquanto a rendeira executava uma camiseta regata em renda na própria sede. O assunto abordado neste permeou os temas de sua origem cearense, a chegada à praia da Raposa e o aprendizado da rendeira. Ao final, obteve-se um relato de 1 hora e 02 minutos de duração.

Em 12 de junho, foi a vez de Dona Lourdes, 84 anos, rendeira e pertencente ao grupo de mulheres que vivenciaram o momento de Fundação da Associação das Rendeiras, na data de 1988. Assim como na entrevista anterior, foi realizada na sede, acerca dos temas origem cearense, a chegada à praia da Raposa e o aprendizado da rendeira. Dona Lourdes não mais executa o ofício de rendeira por dores nas costas, porém ainda frequenta regularmente a casa sede para conversar com as outras rendeiras e ensinar as mais novas. Seu depoimento teve a duração de 1 hora e 21 minutos.

Na data de 13 de junho, deu-se início à entrevista com Maria de Jesus, 71 anos, rendeira também presente no momento de fundação da Associação das Rendeiras. Maria ainda exerce seu ofício regularmente, fazendo questão de participar ativamente das atividades realizadas na casa sede. Seu

depoimento teve a duração de 59 minutos, interrompidos por afazeres domésticos que necessitavam de sua atenção.

Imediatamente, em 14 de junho ocorreu a análise do material coletado, através da escuta minuciosa dos depoimentos em áudio e transcrição fiel dos mesmos.

É importante destacar que nestas narrativas existem intenções de pessoas diferentes, com intuitos diferentes, cada qual contando aquilo que acha prudente, ou que recorda de modo particular. Portanto, segundo CORRÊA (2008) é preciso atentar para o fato de essas narrativas serem uma versão dos fatos, e não, realidades históricas.

"Sendo assim, não existe mentira nas narrativas produzidas. Visto que toda mentira tem intencionalidade que deve ser compreendida, i.é., deve-se levar em conta o significado das alterações, pois é nestes lugares – da alteração, da imprecisão, da mentira e do esquecimento – onde reside a matéria bruta para a interpretação. São nestas tensões e fraturas existentes nas narrativas, que são evidenciadas as experiências de cada sujeito e, por extensão, de alguma forma, do grupo que exerce ou participa das práticas sociais em um tempo e espaço." (CORRÊA, 2008. p 33)

O trabalho das rendeiras e seus movimentos foi registrado na data de 20 de junho de 2014, quando foi realizada nova visita à Raposa. Por meio de câmera digital HD Canon SX 40HS, obteve-se o registro filmado do bater dos bilros, característico do trabalho das rendeiras enquanto executam seu ofício, além dos produtos que são característicos da região, os pontos de venda em Raposa. Estes tiveram a participação de outras rendeiras além das já selecionadas, que, curiosas com a pesquisa e a gravação interessaram-se em saber do que se tratava. Obteve-se um registro com 2 horas e 7 minutos de duração.

O período de 21 a 30 de junho compreende o momento de análise e edição da gravação em vídeo, recortando-os em trechos mais curtos, obedecendo aos temas abordados pela pesquisa. Optou-se por dividir o vídeo em 3 grandes temas: 1) O bater dos bilros, abordando a herança cearense, a chegada em Raposa e o aprendizado no feitiço da renda de bilros); 2) O ofício da Rendeira (compreendendo os momentos onde as rendeiras falam sobre seu trabalho, ferramentas, pontos de renda); e 3) Rendas da Raposa, onde as artesãs apresentam seus produtos. Estes temas vieram a orientar a estrutura do texto de dissertação e sumário.

Tendo tratado do primeiro tema, o bater dos bilros, retomou-se a coleta de narrativas com o segundo tema: O ofício da Rendeira, no período compreendido entre 6 e 13 de julho. O que é ser rendeira? O que é fazer renda? Como se faz renda? Estes foram alguns dos questionamentos que guiaram as entrevistas com as três interlocutoras da pesquisa. Os trechos obtidos nesta fase, servem como base para o capítulo 4, onde discorro acerca do saber fazer renda e os artefatos envolvidos neste processo.

O terceiro e último tema de entrevistas, Rendas da Raposa, aconteceu inicialmente no período de 17 a 23 de julho, onde acompanhei as rendeiras a seus pontos de venda em Raposa, falando sobre seus produtos expostos, entre peças de vestuário feminino, toalhas e centros de mesa. Cada artesã apresentou seus produtos em dias distintos, caracterizando-os. Estas narrativas serão utilizadas no capítulo 5, onde são apresentados os produtos confeccionados, caracterizando as rendas produzidas em Raposa através das falas das rendeiras. Esta fase foi complementada no mês de novembro, com nova visita à Raposa, com objetivo de obter relatos mais direcionados aos produtos.

3.3. UNIVERSO DE PESQUISA

O Universo de Pesquisa que compõe o tema desta dissertação compreende o recorte temporal de 1988, data de fundação da Associação das Rendeiras, até o ano de 2014, quando se encerra a fase de entrevistas com as

interlocutoras. Dados anteriores a 1988 são utilizados na descrição da chegada dos pescadores, mulheres e a técnica de rendas de bilros à região de Raposa, estes servem para contextualizar o local de pesquisa, o recorte geográfico.

Dados do SEBRAE-MA, do ano de 2012, através de seu cadastro de artesãos, apontam características quantitativas sobre a Associação das Rendeiras que nos auxiliam a visualizar em um panorama geral, as características das mulheres que compõem o grupo de rendeiras a qual esta pesquisa se refere (Quadro 1).

Especificação	Situação Atual	Quantidade	%
E escolaridade	Sabe ler e Escrever	40	95
	Analfabeto	5	5
Sexo	Feminino	45	100
Sistema de trabalho	Individual	35	75
	Com familiares	10	25
Renda do Artesanato	Menos de 1 Salário Mínimo	21	87
	De 1 a 3 Salários Mínimos	1	5
	Sem renda Artesanato	2	8
É artesã há	Acima de 5 anos	45	100
Porque ingressou na atividade artesanal	Tradição familiar	37	70
	Complemento de renda	3	12
	Falta de opção	3	9
	Opção Profissional	2	9
Destino da Produção	Local	17	70
	Estadual	3	12
	Local e estadual	2	9
	Sem Produção	2	9
Hora Trabalho/Semana	Até 10 horas	5	23
	Até 20 horas	2	9
	Até 40 horas	15	68
Idade	De 19 a 30 anos	5	8
	De 31 a 55 anos	16	67
	Acima de 55	24	25

Quadro 2 - Cadastro de artesãs. Fonte: SEBRAE-MA, abril de 2012.

A rede de interlocutoras pertence ao grupo que consta neste cadastro, e, composta por três rendeiras selecionadas a partir do documento da ata de fundação da Associação das Rendeiras de Raposa. Estas são as principais fontes para obtenção dos dados desta pesquisa. Caracteriza-se esquematicamente de acordo com o Quadro 1, seguindo o modelo utilizado por CORRÊA (2008). Apresento estas pelo nome com os quais são chamadas pelo grupo, assim como outras rendeiras que pontualmente aparecem no decorrer do texto.

Entrevistada	Local de nascimento	Idade	Profissão	Classificação da entrevista
Marilene Marques	Acaraú – CE	45	Tesoureira da Associação	E: T01 – MM – 06/2014
Dona Lourdes	Acaraú – CE	84	Rendeira associada	E: T01 – DL – 06/2014
Maria de Jesus	Fortaleza - CE	71	Rendeira associada	E: T01 – MJ – 06/2014

Quadro 3 – Caracterização esquemática das entrevistadas

O Quadro 2 apresenta o modelo de classificação das entrevistas, composto pelos códigos: E, relativo à entrevista, T tema da entrevista, seguido das iniciais da entrevistada MM – Marilene Marques, DL – Dona Lourdes e MJ – Maria de Jesus e por fim a data em que foi realizada a entrevista.

3.4. HISTÓRIA ORAL: ENTREVISTAS

Início esta seção discutindo o ato da comunicação, que envolve o compartilhamento de discursos, visões e informações. Sua existência pressupõe conversa, troca, partilha intersubjetiva e interação. Moscovici (1998)

aponta que quando uma pessoa começa a participar de um grupo, compartilha, mas também encontra uma base interna de diferenças de conhecimentos, informações, opiniões, preconceitos, atitudes, experiências anteriores, gostos, crenças, valores e estilo comportamental. A diferenciação, então, constitui um repertório novo – o daquela pessoa naquele coletivo. A maneira de lidar com as diferenças individuais cria relações entre as pessoas e tem forte influência sobre toda a vida em grupo, principalmente nos processos de comunicação, no relacionamento interpessoal, no comportamento organizacional e na produtividade.

Se as diferenças são aceitas e tratadas em aberto, a comunicação flui fácil, em dupla direção, as pessoas ouvem as outras, falam o que pensam e sentem, e têm possibilidades de dar e receber feedback. Se as diferenças são negadas e suprimidas, a comunicação torna-se falha, incompleta, insuficiente, com bloqueios e barreiras, distorções e 'focas'. As pessoas não falam o que gostariam de falar, nem ouvem as outras, só captam o que reforça sua imagem das outras e da situação (MOSCOVICI, 1998, p.35).

Para que esta pesquisa pudesse acontecer, foi fundamental estabelecer o contato com os sujeitos, estreitar as relações em busca da participação dos mesmos. Por participação, consideremos o complexo processo que combina fazer, falar, pertencer, pensar e sentir. Envolve toda a pessoa, incluindo corpo, mente, emoções e relações sociais. Pode ser, portanto, tanto uma ação quanto uma conexão (WENGER¹⁴ apud VILELA, 2013). Consideremos por participantes o grupo de rendeiras que, mesmo presentes durante a etapa de entrevistas, contribuíram pontualmente, com uma opinião ou outra atravessada nas falas das mulheres selecionadas para o universo de pesquisa, suas vozes estão nos registros de pesquisa, assim como seus nomes, e suas falas nos ajudam a pensar sobre a multiplicidade de narrativas a ainda serem exploradas.

¹⁴WENGER, E. Communities of practice: learning, meaning and identity. New York: Cambridge University Press, 1998. Vilela (2013) explica que Wenger conceitua a participação como a experiência social de viver no mundo enquanto membro de comunidades sociais, engajados em empreendimentos sociais. O ato de participar implica se tornar parte da comunidade e compartilhar tarefas e repertórios com os outros integrantes.

Como dito anteriormente, o Universo de Pesquisa tem como interlocutoras as artesãs Marilene Marques, Dona Lourdes e Maria de Jesus e o critério de seleção baseou-se na ata de fundação da Associação das Rendeiras. Estas, no momento em que convidadas a contribuir para a realização desta pesquisa, colocaram-se em local diferente de participantes, engajaram-se no processo de narrar, contar suas memórias e trajetórias.

Dominique Wolton (2004, p.78) lembra que não basta compartilhar informações. “Há uma grande diferença entre visibilidade e ação. (...) permanece uma ‘diferença de natureza’ entre o conhecimento da realidade e a vontade ou a capacidade de modificá-la. (...) Observar não é agir”. Há um previsível desequilíbrio no que se refere à participação. A possibilidade de igualdade de acesso ao “chamado” não significa que todos de fato colaborarão com alguma causa exposta publicamente. Para Melucci (1996), a ação coletiva é, inclusive, mais exitosa quando conduzida por uma minoria ativa no lugar de uma idealizada maioria crítica. Sendo assim, diferentes tipos de envolvimento são importantes para a dinâmica das ações.

Malandro (2004) explica que, diferente da participação (que pode ser esporádica), engajamento é quando as pessoas adotam a decisão ou orientação como se fossem seus autores¹⁵.

Por ser o engajamento uma escolha verdadeira, pessoas conversam e se comportam como senhores. Não há culpa, acusação ou ressentimento em suas falas. Quando os líderes usam o poder como força, eles conseguem condescendência; quando são responsáveis pelo uso do poder, eles conseguem engajamento (MALANDRO, 2004, p.72-73).

¹⁵Malandro (2004, p.72) ressalta a diferenciação entre engajamento e condescendência, que é “uma vontade temporária, para atender às necessidades da pessoa no comando. Superficialmente, condescendência parece concordância. (...) Quando as pessoas dizem “sim” para alguma coisa ou alguém, elas não concordam verdadeiramente, elas se ressentem – na maioria das vezes. A condescendência leva a conspirações de corredor, pessoas secretamente deliberando e discordando, enquanto publicamente consentem. Condescendência é a coisa mais distante do domínio e da responsabilidade. É temporária, fugaz e não representa um apoio genuíno à liderança”

As rendeiras, em atitude de engajamento, enriqueceram os dados da pesquisa, tomaram para si a coautoria desta dissertação, deixando para o pesquisador a tarefa de ouvir e registrar suas memórias, não havendo níveis hierárquicos definidos intencionalmente, que poderiam colocar em risco a comunicação e interação entre as partes.

Retomando a História Oral, método de desenvolvimento desta dissertação, entendo que toda pessoa tem uma história e essa história tem valor. O desafio se apresenta ao escolher por objeto de pesquisa uma história múltipla, na qual cada qual tem sua palavra, este texto traz apenas uma parte dessas narrativas, abrindo caminhos para os próximos pesquisadores.

A organização e o preparo do material para a análise, segue o pensamento de Bosi (2003, p. 49) quando afirma que “muito mais do que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas.” A sistematização realizada é dividida nas seguintes etapas: 1) Transcrição da entrevista no formato do protocolo específico para este tipo de material, escrevendo sem qualquer alteração as narrativas obtidas e organização do texto em turnos; 2) Catalogação em ficha específica para protocolo de entrevistas; 3) Elaboração do quadro descritivo, que consiste em uma organização por temas, a partir da leitura das entrevistas.

A seguir apresento individualmente os temas que permearam a realização das entrevistas com as mulheres da Associação das Rendeiras.

3.4.1. Primeiro tema: Origem cearense

“Quando vim a primeira vez pra Raposa, vim pra passear com meu pai e minha mãe. Meu pai foi pescar e fiquei na praia, vendo aquela beleza toda, tinha 12 ano na época.” (Dona Lourdes)

Dona Lourdes, então com 84 anos de idade, nascida na cidade de Acaraú, estado do Ceará, relembra tempos anteriores, na década de 1940, quando foi pela primeira vez à praia da Raposa. A rendeira não lembra o momento exato em que Raposa virou povoado dos pescadores, sua família não participou da chegada e permanência dos pescadores na região.

“Meu pai tinha medo de mudar pra Raposa e não dar certo, mas tinha essas conversa em casa, sabe? Eu escutava. Só depois de muito tempo juntamo as coisa e viemo pra Raposa. Tinha pesca boa, peixe muito, ele decidiu que vinha e trouxe eu e a mãe junto”
(Dona Lourdes, 2014)

Em sua fala, não deixa claro, por não recordar, a exata data em que chegou ao povoado, coloca a data imprecisa entre o final da década de 1940 e começo da década de 1950. Recorda os poucos recursos que tinham na época e o início de seu aprendizado na técnica dos bilros.

“Tinha pouca gente ainda morando aqui, os pescadores ia e vinha por conta do peixe, mas quem ficava era uns poucos. Não tinha muita coisa aqui, o pai ia pescar e eu ajudava a minha mãe nas coisa de casa, varrendo, cozinhando. Quando não tinha o que fazer, fazia renda” (Dona Lourdes, 2014)

“As coisas demoravam a chegar por que não tinha estrada, tinha que vir tudo de barco, às vezes passava semana sem ter linha pra fazer renda. No Acaraú tinha linha mas eu não queria aprender, queria era brincar, na Raposa foi que sosseguei e comecei a aprender com a minha mãe.” (Dona Lourdes, 2014)

“A tradição aqui é desde a década de 40, pra cá pra Raposa, onde veio a colonização do cearense, que trouxeram pra cá, certo? E daí vieram as rendeiras,

algumas rendeiras pra cá, e como a fonte de renda que tem aqui é mais a pesca, não dava pra sustentar a família. O que eles fizeram? As mulheres começaram a fazer renda e vender”. (Marilene, 2014)

Recordando o processo de iniciação na arte de fazer renda, é comum as artesãs revelarem o papel das mães no aprendizado do enrolar de fios e bater dos bilros, como uma tradição passada de geração para geração, tema este a ser tratado na próxima sessão. Quando ainda menina, a rendeira Marilene rememora os fatos, entremeando no discurso falas que remetem ao cuidado em repassar a atividade da renda de bilros.

“Quando cheguei por aqui era bem menina, não tinha nem 15 ainda, mas já fazia renda desde os 7, foi minha mãe, que aprende com a minha avó lá no Acaraú que me ensinou. Ela fazia e eu queria fazer também .” (Dona Lourdes, 2014)

Percebemos nestes trechos das entrevistas, a ligação das interlocutoras com seu local de nascimento, seus aprendizados e costumes de infância, acompanharam-nas durante o percorrer da trajetória em direção à região da Raposa, não apenas o ato de fazer rendas de bilro, mas também o costume de sentar às portas das casas para conversar, o diálogo entre os membros da comunidade e a mistura do sotaque cearense com o sotaque maranhense que marcam as vozes em Raposa.

“Diz que a gente fala como cearense, outro diz que fala como maranhense. Não sei não, eu falo igual minha mãe e meu pai.” (Dona Lourdes, 2014)

Buscando melhor visualização das trajetórias das interlocutoras, apresento a Figura 9, traçando em mapa o caminho percorrido até sua chegada na região da Raposa.

“Sou nascida no Acaraú, vim pra cá por causa de meu pai.” (Marilene, 2014)

“Eu nasci no Acaraú, atravessei o mar até aqui.” (Dona Lourdes, 2014)

“Vim de Fortaleza, de onde eu nasci, mas fui primeiro pra São Luís, passei uns tempos, mudei pra Raposa pra ter uma vida mais tranquila.” (Maria de Jesus, 2014)

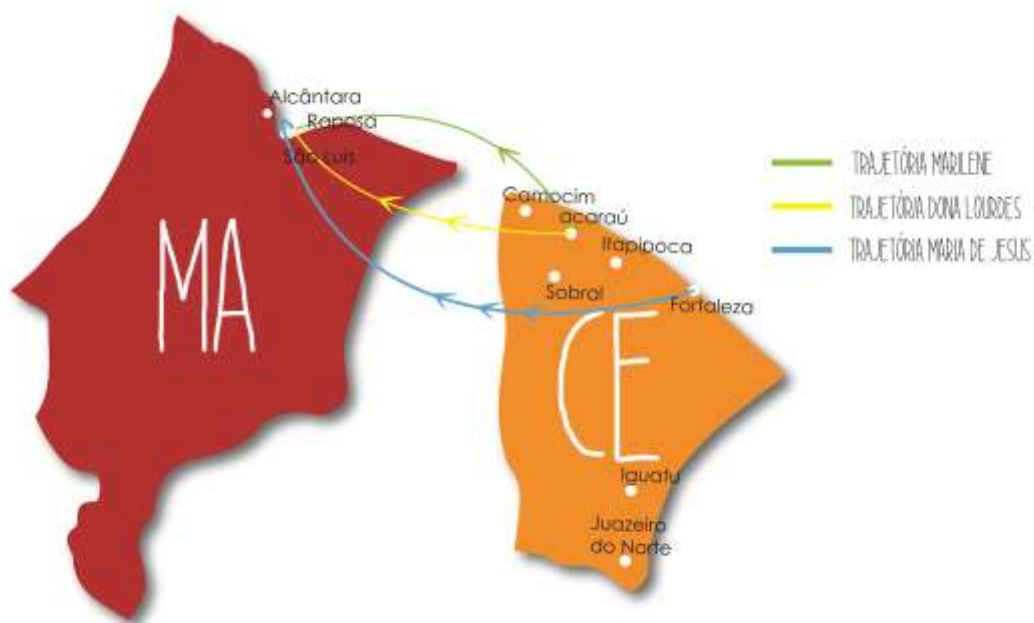


Figura 9 – Trajetórias das interlocutoras (Autoria própria)

Suas trajetórias convergem para a região da Raposa, embora com suas individualidades, suas narrativas são marcadas pelo fator econômico como determinante para a saída de suas cidades de origem. Filhas e mulheres de pescadores, a procura por águas fartas em pescado as levaram à região,

ainda conhecida pela fartura na oferta de peixes e mariscos. A trajetória da entrevistada Marilene Marques se dá da cidade de Acaraú – CE em direção à Raposa por terra, quando já havia estradas que a ligassem aos demais municípios, dona Maria de Jesus percorreu o caminho de Fortaleza à cidade de São Luis e, segundo ela, buscando uma vida mais tranquila economicamente, mudou-se com a família para a região de Raposa. Antes destas, Dona Lourdes chega ao município vinda do Acaraú, quando ainda não havia grande densidade populacional ou urbanização, viu o povoado crescer e virar município, presenciou a construção das estradas e o crescer do número de rendeiras.

“Vi muita coisa aqui, antes não tinha nada, hoje tem tudo. As rendeiras tomaram conta da cidade, ficamos famosa, o povo vem de longe pra ver nossas renda.” (Dona Lourdes, 2014)

Ao recordar a Raposa da infância, Dona Lourdes identifica no presente, embora resignificado pela dinâmica da sociedade em que vive, com o passado sugestivo de perdas e de aparente passividade em face dos comportamentos e das idéias vindas com o povo “de Fortaleza [...] e de outros estados.” Segundo Alistar Thompson:

“O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido.”¹⁶

¹⁶ THOMPSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: Ética e História Oral. Projeto História: Revista do Programa de Estudos PósGraduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981, P.57

Ao dizer: “antes não tinha nada, hoje tem tudo”, Dona Lourdes refere-se ao “tempo de antigamente”. Esse tempo apresenta-se também em outros relatos. Apesar de não ter ficado explícito, provavelmente eles se referem ao período anterior à construção das estradas, à instalação da energia elétrica na Raposa. Embora resignificado por experiências vividas, esse tempo representa, nos depoimentos, o da família reunida em torno da mesa, das casas próximas ao mar, da pesca artesanal e da vida calma de uma pequena comunidade onde todos se conheciam.

3.4.2. Segundo tema: Relatos sobre o ofício de rendeira

A relevância dos relatos orais neste estudo é, sobretudo, valorizar pistas, indícios, fragmentos e vestígios cuja finalidade é desvelar a história das rendeiras da Raposa, ressaltando as trajetórias seguidas por elas até se tornarem trabalhadoras e quais papéis desempenham como sujeitos ativos na sociedade em que vivem.

“O que eu aprendi com a minha mãe eu vou passar pra frente” (Marilene, 2014)

“Tenho quatro filha mulher, todas sabem fazer renda, e já ensinei duas netas.” (Dona Lourdes, 2014)

“Se não passar pra frente, quem vai fazer a renda quando nós morrer?.” (Maria de Jesus, 2014)

A experiência de vida e de trabalho das rendeiras, que aprenderam a fazer a renda desde meninas, é marcada ao compasso dos bilros. A

experiência se confunde e se mistura às experiências de cuidar do lar, da família e nesse ponto, as companheiras Marilene, Dona Lourdes e Maria de Jesus, concordam entre si, assim como as tantas outras rendeiras da comunidade, que construíram suas histórias de vida com a trama dos fios da renda.

As respostas mais comuns quando indagadas sobre quem as ensinou a fazer a renda eram: “Eu aprendi com minha mãe, que aprendeu com a mãe dela e eu aprendi brincando com minhas amigas”. Essas mulheres esquecem o desconforto do espaço (ora reduzido, ora não apropriado) e da posição constantemente sentadas (no chão ou em pequenos bancos de madeira ou cadeiras de plástico) e criam nas almofadas peças como roupas, toalhas, paninhos, saídas de banho, colchas de cama etc. O aprendizado do feito durante a infância revela aspectos interessantes sobre as brincadeiras com os próprios objetos utilizados na confecção da renda.

“Antes de minha mãe começar a me ensinar, nós brincava com as semente, com os bilro quando ela não tava vendo. Mas aí se minha mãe pegasse nós! Dava surra! Tinha medo mas brincava. Um dia ela viu mas não brigou, fez uma almofada pra mim e começou a me ensinar.”

Nesse processo de aprendizagem e transmissão do saber fazer da rendeira, a tradição familiar interfere de forma quase que determinante. Pertencer a uma família de rendeiras certamente influenciou a “menina” a aprender o ofício. Esse aprendizado realizado entre as brincadeiras de criança é reforçado pelos ensinamentos da mãe. Fazer a “barata” significava um passo mais difícil após o “trocado”. Nesse momento, o saber guardado pela mãe, que aprendeu com mãe dela, é posto em prática e passado a outras gerações. Provavelmente a rendeira Marilene, assim como as suas companheiras aprenderam o trocado, que se constitui basicamente na troca dos bilros por três movimentos: o de cruzar os fios torcê-los e traçá-los, em suas almofadas feitas

com a bananeira e com os bilros de espinhos de mandacaru. Esse aprendizado era motivo de diversão e acontecia em meio às brincadeiras, o que demonstra o caráter “livre” de se aprender o ofício da renda.

As rendas fabricadas no espaço do lar não obedeciam a horário certo. Eram feitas em meio às atividades corriqueiras de dona-de-casa. As vendas eram realizadas geralmente na comunidade para os poucos compradores que as revendiam, de porta em porta, ou aos domingos na orla marítima. Essas vendas por suas próprias características não davam margem a fidelidade entre rendeira e comprador, uma vez que não eram os clientes que as procuravam, eram elas que iam até os compradores. Fazer a renda durante a semana e sair para vender aos domingos fazia parte da rotina da maioria das mulheres artesãs da Raposa, visto que não tinham lugar certo para exporem seus produtos. Assim, o domingo, dia de descanso e lazer para a maioria das pessoas, representava para a rendeira Dona Lourdes e suas companheiras mais um dia de trabalho. Além das vendas que fazia durante a semana, o domingo era promessa de bons negócios, principalmente pelo aumento dos banhistas que buscavam lazer nas areias da Raposa.

“Quando eu acabava de almoçar aqui, dia de domingo botava uma caixa na cabeça e ia mais as outras né? Andar nas casas dos ricos vender, aí nós fazia às vez boas vendas.” (Dona Lourdes, 2014)

Novos hábitos passaram a se estabelecer no cotidiano das rendeiras a partir do ano de 1988, após a fundação da Associação das Rendeiras, quando a renda passou a ser confeccionada não somente no espaço do lar e a mulher, mãe dona-de-casa, assumindo uma rotina de trabalho fora do universo doméstico. No entanto, a preocupação e o compromisso dessas mulheres para com a família, bem como para com as “obrigações” domésticas, não foram modificados pela rotina de trabalho. Isso está expresso no “fazer o almoço e deixar tudo botado” antes de ir para a Associação, e na preocupação em preparar o jantar logo que retorna do trabalho. O que ocorreu foi uma

reorganização dos horários e das tarefas por elas realizadas, o que levou a uma ampliação de suas jornadas de trabalho. Normalmente elas são as primeiras que acordam e as últimas que se recolhem.

O trabalho na Associação, o trabalho em casa e a própria lida diária envolvem as rendeiras em diversas funções e, principalmente, em complexas redes de relações. Nada foi mais significativo na vida das mulheres rendeiras da Raposa do que a “conquista” do espaço de trabalho. Esse espaço provocou transformações que iam muito além do aumento das vendas e do conforto de não sair para vender de porta em porta. A Associação marcou um momento de ruptura e inaugurou na vida dessas mulheres e de todos na comunidade um tempo diferenciado para a família e para o trabalho. Essa temporalidade, em que vida e trabalho não se confundiam mais, refletiu-se em nova estrutura e organização familiar. Espaços e comportamentos definidos e determinados diluem-se em meio às novas funções da mulher. Essa nova mulher acrescenta às suas obrigações domésticas de mãe e dona-de-casa, a de trabalhadora, profissional da renda com horários a cumprir. Horários influenciados, modificados e adaptados de acordo com a baixa e a alta estação de vendas, quando o fluxo de turistas à comunidade representa a garantia de bons negócios.

Embora a Associação das Rendeiras da Raposa não apresente o rigor de uma fábrica, com cobranças de horários e cartão de ponto, existiam e existem responsabilidades e regras a serem cumpridas e aceitas, o que significava trabalhar fora do espaço do lar e permanecerem determinadas horas ausentes da família.

“Quando fundou a Associação, a gente organizou o trabalho, foi muito bom pra gente. Recebemo encomenda, fazemo e entregamo, tudo no grupo, tudo certinho. Antes cada uma fazia o seu e ia tentar vender, ou ficava pra usar em casa mesmo”
(Marilene, 2014)

“Quando vi o tanto de mulher rendeira junta, até espantei, quanta mulher tinha ali, Raposa tem muita mulher, na Associação tinha muita rendeira, no começo” (Dona Lourdes, 2014)

“Eu que antes só tinha que cuidar da casa, agora tinha onde trabalhar, fazer minhas coisa, foi bom. Durante o dia fazia as tarefa de casa, à tarde vinha pra Associação fazer minhas renda e depois voltava pra fazer jantar.” (Maria de Jesus, 2014)

O espaço de trabalho foi para as mulheres da comunidade da Raposa um instrumento de conquista da profissão. Respeitando o próprio campo de possibilidades e driblando as dificuldades, elas foram se fazendo rendeiras, através do trabalho, dos artefatos, do gestual, dos produtos.

3.4.3. Terceiro tema: Relatos sobre a Renda de Bilros de Raposa

À primeira vista, o trabalho das rendeiras da Raposa pode parecer um labor feminino que ao longo dos anos sobreviveu às transformações pelas quais as sociedades vêm passando. Mas, sob olhar mais atento, é possível perceber novas e antigas práticas que ora se aproximam e ora se distanciam do cotidiano das profissionais da renda. Mulheres que, a exemplo de suas mães e avós, ensinaram às filhas, desde o trocado dos fios à fabricação dos instrumentos de trabalho, mas também aprenderam que “uma cultura não pode sobreviver se não se renova”¹⁷.

¹⁷ JUNIOR, M. Diegues. Cultura e Comunidade. Revista Brasileira de Folclore. Ano XIV. Nº 41, maio/agosto 1976. p.8

A renda de bilros, introduzida na Raposa pelas mulheres do Ceará, foi afeiçoando-se ao lugar e às pessoas, adaptando-se ao ambiente e tornando-se a expressão cultural da comunidade. Desde o tempo de suas avós e mães as mulheres criam e recriam com as mãos este saber manual passando-o às gerações futuras, caracterizando o modo de vida de seu povo.

Um exemplo dessa adaptação são os nomes das ferramentas e pontos de renda produzidas por elas como: peixinho, traça, trocado, trança, punho etc. São, portanto, nomes que expressam a realidade concreta e o cotidiano das rendeiras e pescadores daquela comunidade. Assim, ser rendeira na Raposa não significa o mesmo que ser rendeira no Acaraú, em São Luis ou em Santa Catarina. Cada região guarda especificidades e diferenças, relacionadas ao cotidiano de suas artífices.

“Saber fazer os pontos é saber fazer renda, como faz renda sem ponto? Tem uns mais difíceis, outros mais fácil, mas a rendeira tem que saber fazer, senão o produto não fica pronto” (Dona Lourdes)

“Fazemos camisetas, saídas de praia, vestidos, centros de mesa, toalha de mesa. São produtos que vem com a gente há muito tempo, nem sei quem foi que inventou, mas nós fazemos” (Marilene)

A fala de Dona Lourdes retoma a importância do aprendizado para a fabricação dos produtos de renda, entre os diversos pontos de renda existentes na técnica de rendas de bilros, diz necessário que a rendeira saiba fazer todos que lhe foram ensinados, pois cada um tem uma aplicação durante o processo.

4 O BATER DOS BILROS

“A gente faz do jeito que tá no desenho. A gente faz, enrola prum lado, enrola pro outro e vai fazendo, não tem erro não.” (Dona Maria de Jesus, rendeira. 2014).

Neste capítulo tenho o objetivo de apresentar os artefatos que fazem parte do cotidiano das rendeiras em seu ofício, suas biografias enquanto artefatos que compõem a engrenagem envolvida no ato de fazer rendas de bilros. Alguns destes produzidos pelas próprias rendeiras, outros vindos de regiões próximas, todos em interação sistemática e constante.

O conjunto de informações sobre estas ferramentas de trabalho, matéria-prima e funcionalidades, nos direciona à visualização dos diferentes tipos de pontos que originam-se do seu enrolar.

Os métodos adotados para a realização da pesquisa descrita neste capítulo foram a pesquisa empírica, coleta de documentos, entrevistas e coleta de imagens em fotos com as interlocutoras. Para acessar os artefatos envolvidos neste processo, durante visitas à Associação das Rendeiras, tive acesso ao dia de fabricação de rendas de bilros, acompanhando o grupo de rendeiras em suas atividades, pouco interferindo neste. Como recorte, as imagens englobam uma coleção de 15 tipos de pontos de renda, descritos e caracterizados pelas interlocutoras entre ‘pontos de principiante’ e ‘pontos de rendeira de verdade’.

Tomo para este capítulo a ideia discutida por Appadurai e Kopytoff (2010), quando tratam da biografia cultural dos artefatos, o questionamento acerca dos percursos e trajetórias traçados pelas coisas na sociedade, considerando os distintos circuitos de circulação. A circulação de objetos entrelaça-se à trajetória das artesãs, desde o início desta, tornando-se fontes de informações e memórias importantes para a construção desta dissertação.

Assim, entendo que as mulheres rendeiras de Raposa, como artífices, enquanto laçam, entrelaçam e batem seus bilros, materializam memórias em suas rendas, através dos artefatos, constituindo-se rendeiras a partir deles.

4.1. MATERIAIS

(MENDES, 2012) utiliza o termo artefato definindo objetos que são produtos da ação humana e atendem às necessidades materiais e/ou simbólicas, “fornecendo informações sobre culturas, épocas e sobre quem os produz. São codificados e decodificados (ou seja, significados) em processos culturais nas esferas de produção, circulação e consumo”.

A autora, complementa, ainda acerca da materialidade das coisas:

“Parto do entendimento que os artefatos são indissociáveis de processos culturais e de que os significados e códigos relacionados a estes são traduzidos e traduzem relações sociais, construindo, assim, um universo inteligível mediado pela materialidade, bem como por aspectos simbólicos e imaginários sociais”.

Desta forma, apresento as ferramentas que constituem o ato de fazer rendas de bilros, como mediadores da relação entre rendeira e renda, assim problematizando o lugar do artefato na constituição da mulher rendeira de Raposa – MA, assim como a descrição e características atribuídas a estes, para isso fazendo uso das falas das interlocutoras.

A fim de proporcionar uma prévia visualização, apresento em forma de esquema (Figura 10 e Figura 11) os materiais que serão apresentados individualmente no decorrer deste capítulo.

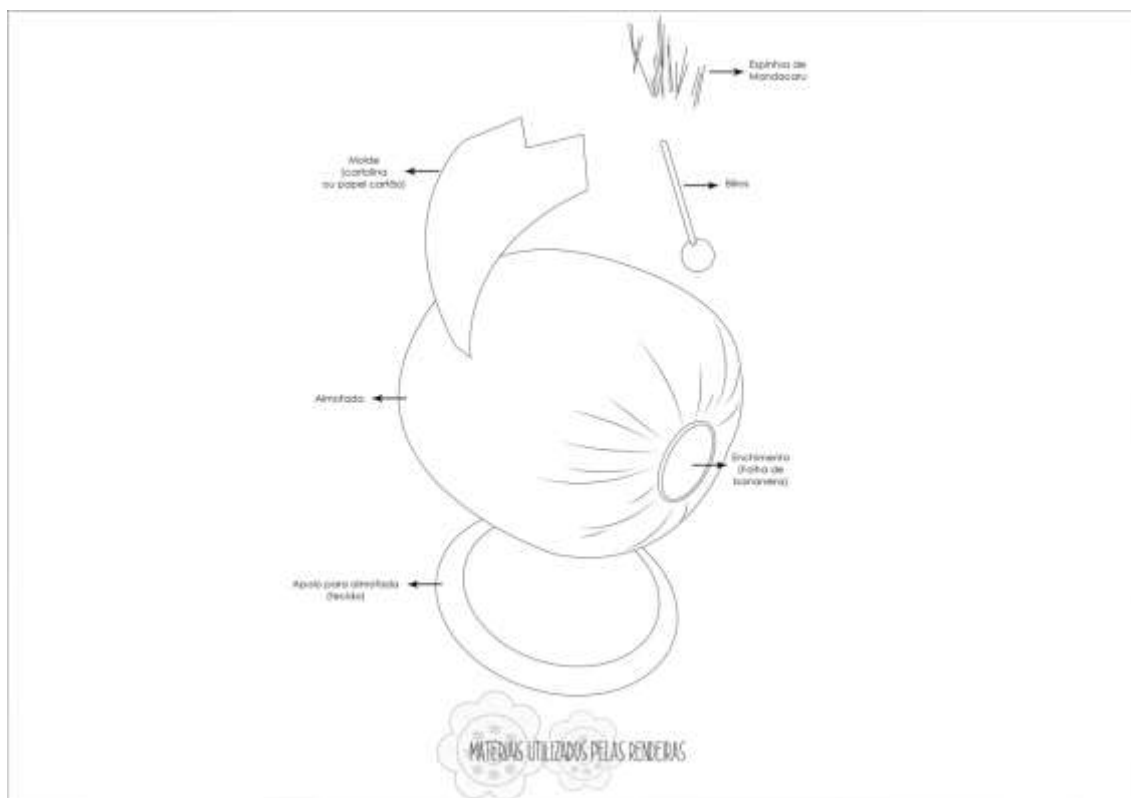


Figura 10 – Materiais utilizados pelas rendeiras (Autoria própria)

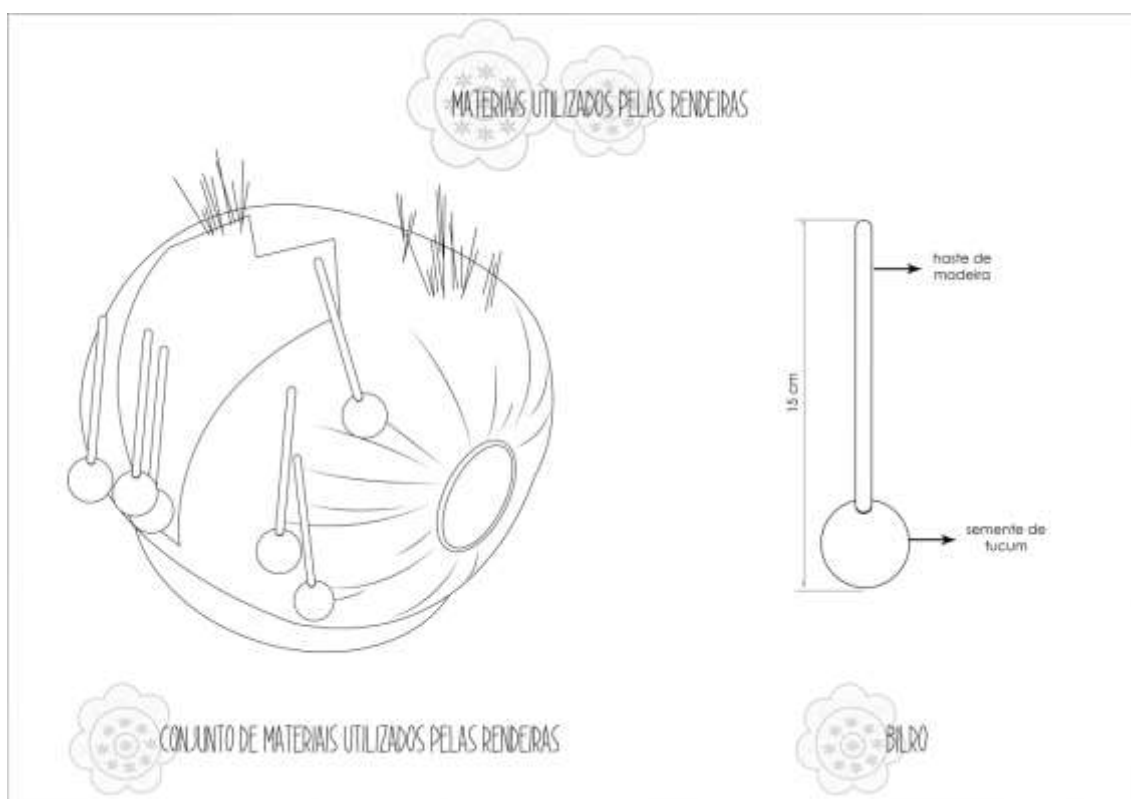


Figura 11 – Conjunto de materiais utilizados pelas rendeiras (Autoria própria)

4.1.1. ALMOFADA

“A primeira coisa que a rendeira tem que ter é a almofada. Sem almofada num se faz renda de bilro. E é ela mesmo que faz a almofada, enche com bananeira, com serragem e envolve com tecido.” (Dona Maria de Jesus).

De acordo com Dona Maria de Jesus, rendeira, a almofada é a ferramenta base para o feito das rendas de bilros. Nela, a rendeira apoia as demais ferramentas que utiliza no processo e é nela que pouco a pouco as tiras de renda começam a surgir. Em ilustrações de artistas plásticos que se dedicaram a registrar o ofício da mulher rendeira, é notável a presença da almofada em suas composições.



Figura 12 – Ilustração de José Lanzellotti (www.terrabrasileira.com.br); Rendeira, autor: Fábio Luna (www.fabiolunaarte.blogspot.com.br); Rendeiras do Mercado, autora: Solí (www.soli.com.br)

“A gente aprende a fazer a almofada desde menina. A mãe mandava a gente catar as folha de bananeira pra encher a almofada e a gente ia, depois ajudava ela a encher e tava pronta.” (Dona Lourdes, 2014)

É interessante notar o envolvimento entre a rendeira e a almofada, seu instrumento de trabalho. Há uma relação de intimidade, companheirismo e cumplicidade, muito bem descrita na citação a seguir:

“Algumas rendeiras costumam escrever nos bilros a sua vida íntima; noutro, o dia do batismo... em um terceiro, o nome do noivo, num, outro, ainda a data do casamento. E assim por diante, de modo que estas almofadas se tornam ainda mais estimadas pelas rendeiras, principalmente as que relatam todas as passagens tristes e felizes da vida íntima destas, num verdadeiro jornal sagrado” (GIRÃO, 2002)

O tamanho da almofada varia de acordo com a preferência da rendeira e o tamanho da peça que planeja fazer. Nas observações de campo os tamanhos variam entre 30 centímetros de largura a 60 centímetros. Na Associação das Rendeiras, as almofadas são feitas de saco de estopa (Figura 13), preenchidas em seu interior com folhas de bananeira, encontradas na própria região e/ou serragem. Cada mulher é responsável pela sua própria almofada, que ocupa lugares definidos na casa sede, sua fabricação e manutenção.



Figura 13 – Almofada, base para a fabricação das rendas de bilros (Acervo do pesquisador)

“A rendeira pode colocar a almofada onde achar melhor, umas coloca no chão, outras na cadeira, num banco, onde doer menos as costas pra fazer né? Eu prefiro sentar em uma cadeira e colocar a almofada em outra na minha frente” (Marilene, 2014).

“Coloco a minha no chão e vou fazendo ali mesmo. Acho melhor que consigo ficar mais perto, senão meus braço dói tudo” (Dona Lourdes, 2014)

“Faço as renda na minha cadeira com um banco na minha frente, onde ponho a almofada.” (Dona Maria de Jesus, 2014)

4.1.2 PICADO

“O picado é o desenho que a gente usa pra fazer a renda, sem ele num dá pra saber o que vai sair depois.” (Marilene, 2014)

Fazer rendas de bilros envolve planejamento anterior ao bater e entrelace das linhas, para isso utilizam um molde, feito de papel, papelão ou cartolina (Figura 14). Nele consta o desenho da peça de renda que a rendeira planeja fazer feito a lápis, à mão livre. Tendo o desenho em mãos, começa a furar o papel em pequenos pontos, com ajuda de agulhas ou espinhos de mandacaru.



Figura 14 – Picado com molde da renda a ser feita pelas artesãs (Acervo do autor)

Cada ponto que compõe o desenho representa o local exato onde as linhas se cruzam e se entrelaçam para dar origem ao ponto desejado pela rendeira. A junção desses pontos vai dando forma e relevo à peça de renda planejada no desenho.

A preparação do molde é descrita por GIRÃO (2001) como o “ato de pinicar ou beliscar o papelão, transferindo a ele o desenho da renda, é conhecido como papel pinicado pelas artesãs do Ceará”. No contexto das rendeiras raposenses, o papel pinicado é conhecido por picado. Nas palavras de Dona Lourdes, tem a mesma função de um molde para uma costureira, guiar o processo de manufatura das peças.

“O que costureira chama de molde a gente chama de picado. A rendeira pega um papel e vai furando no formato do desenho que quer” (Dona Lourdes, 2014)

Os picados, quando as peças encerram seu ciclo de produção, são guardados e armazenados em uma sala ao fundo da casa sede da Associação das Rendeiras, em prateleiras ou dentro de cadernos e livros para que não amassem. Por vezes, quando solicitados, alguns moldes não eram encontrados. Nestes casos, é possível refazê-lo contando com uma rendeira que saiba picar o papel corretamente como o anterior. Sobre este tópico, as entrevistas revelaram que nem todas as artesãs possuem conhecimento sobre como fazer o molde.

“Não são todas que sabe fazer o picado, são poucas né? Aí só copia uma da outra que vai dando certo.” (Dona Maria de Jesus, 2014)

“Às vezes some um picado ou outro lá da salinha. Não tem muita organização, mas fazer o que? Quando acontece tem que esperar a moça que sabe fazer aparecer por aqui.” (Dona Maria de Jesus, 2014)

Há nesse processo de transmissão da cultura da renda, saberes que são próprios a cada um. Muitas rendeiras normalmente não fazem seus próprios desenhos no papelão.

“Quem fazia bem o picado era Maria Matilde, que já morreu. Às vez, a gente mandava ela picar os desenhos, ela picava. Eu tenho é muito papelão que ela picou. Ela morreu, mas eu tenho é muito papelão que ela fez.” (Dona Lourdes, 2014)

As palavras da Dona Lourdes anunciam indícios de uma organização informal e/ou espontânea do trabalho realizado por essas mulheres. Na época descrita por ela, a Sra. Maria Matilde fazia os moldes em papelão picado. Ela era a guardiã desse saber e, quase todas as rendeiras mandavam-na picar os desenhos. Como a Dona Maria Matilde aprendeu a fazer o molde e quem a ensinou foram indagações que permaneceram sem resposta, pois muito antes do início dessa pesquisa ela já havia falecido. No entanto, em meios às conversas e às entrevistas, obtive informações das companheiras de renda que na família dela era por tradição todas as mulheres saberem fazer o papelão. Esses papelões eram protegidos e guardados como verdadeiros tesouros.

No picado o desenho guia os pontos da renda que se pretende confeccionar. Cada papelão contém um desenho. Guardados e colecionados pelas rendeiras podem ser utilizados por muitos anos, e muitos estão nas mãos de algumas famílias há gerações. Normalmente o papelão novo é reproduzido de um antigo, quando já danificado, ou criado ou cópia de tecidos, revistas ou roupas já prontas.

Dentre as interlocutoras, somente a rendeira Marilene confecciona o papelão para uso próprio; as outras pedem a ela que faça ou copiam. Sobre o aprendizado no feito do picado, diz:

“Aprendi o papelão assim. Eu vejo um desenho, eu copio. Eu desenho, crio ou copio de outro papelão. Se alguém pedir pra eu desenhar, eu desenho, mesmo que traga só o tamanho e tudo, eu crio.” (Marilene, 2014)



Figura 15 – Picados em uso (Acervo do autor)

4.1.3 BILROS E LINHA

“Os bilros é o que segura a linha pra gente fazer a renda. Enrola a linha nele, se a roupa for toda de uma cor, todos os bilros vão nessa cor. Se a roupa for colorida, cada bilro vai numa cor. E aí vamo batendo, fazendo os pontos que vai saindo a renda” (Dona Maria de Jesus, 2014)

As peças feitas em rendas de bilros tem como matéria prima a linha, a mesma utilizada em atividades de bordado ou crochê, porém utilizada com as particularidades da técnica dos bilros. Na Associação das Rendeiras dá-se preferência à linha para crochê Cléa 1000 (Figura 16), da marca Linhas Círculo, adquirida na cidade de São Luis pela tesoureira da Associação, Marilene Marques, para o grupo de mulheres, nas cores mais utilizadas por elas (branco, preto, verde, amarelo, rosa, vermelho, laranja, creme). Caso a rendeira precise de alguma cor específica e tenha disponibilidade de se deslocar à capital, ela compra as linhas que deseja individualmente.



Figura 16 – Linhas Cléa, matéria prima para a produção de rendas de bilros

As linhas são enroladas em uma das extremidades do bilro (Figura 17), pequenas hastes de madeira torneada, de aproximadamente 15 centímetros, que servem como manejo para as rendeiras. Além da haste de madeira, o bilro raposense conta com semente de tucum¹⁸ em uma de suas extremidades. A semente é onde a rendeira maneja propriamente, separando as linhas que precisa para determinado ponto e enrolando-as. O ato de enrolar os fios e bater os bilros ocorre de maneira rápida, dificultando a visualização e entendimento

¹⁸Tucum (*Bactris setosa*): palmeira que cresce nas regiões de cocais e mata atlântica atingindo de 10 a 12 metros de altura. Seus frutos assemelham-se a jabuticabas em formato e coloração.

do processo, utilizando as palavras de Dona Lourdes em entrevista: “rendeira boa faz renda depressa, quando turista vem aqui fica olhando a gente bater bilro e fica espantado com a rapidez. Às vezes a gente nem percebe o que tá fazendo mas sai renda viu? A gente já acostুমou fazer, daí faz rápido mesmo”.

“A gente faz devagar quando tá ensinando menina nova, mostrando pros turista que vem pra Raposa, sabe? Mas no dia a dia tem que ser rápido senão não acaba” (Marilene, 2014)

O manejo acontece aos pares pela rendeira, que imprime um movimento rotativo e alternado a cada um, orientando-se pelas marcações feitas pelo picado e fixando os nós e pontos utilizando espinhos de mandacaru. O número de bilros utilizado varia conforme a complexidade do desenho a ser seguido, padrões muito complexos podem exigir o emprego de 14, 18 ou mesmo mais de 20 pares de bilros.

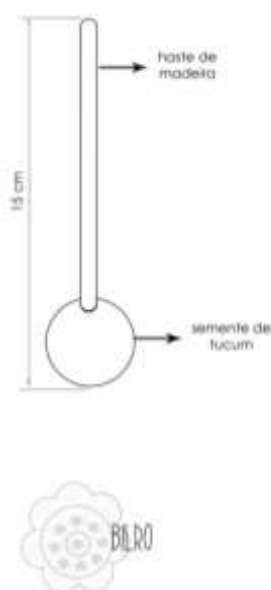


Figura 17 – Bilro em desenho (Autoria própria)



Figura 18 – Fruto e semente do tucum (Acervo do pesquisador)

Os bilros são fabricados pelo marido de uma das rendeiras associadas, conhecida por Dona Pretinha, o senhor Adauto, marceneiro e pescador, que reside e trabalha na mesma rua onde está localizada a Associação das rendeiras. Por pedido da esposa, começou a fazer bilros para ela e depois para a Associação. A produção não é grande, cerca de 50 a 100 bilros por pedido, de acordo com as interlocutoras. Não há uma temporalidade exata para que haja pedidos de novos bilros, não há uma produção mensal ou quinzenal, acontece quando necessário. Isso é explicado pelo pouco desgaste sofrido pela ferramenta durante o uso e fabricação das peças, apesar de baterem uns nos outros não quebram, nem sequer lascam.



Figura 19 – Linhas brancas enroladas em bilros (Acervo do pesquisador)

“É difícil a gente ver quebrar um bilro, ele é bem firme, mas é leve” (Marilene, 2014)

4.1.4 ESPINHO

“O espinho é coisa que vem lá do Ceará, costume das rendeiras de lá, hoje elas usam agulha mas a gente ainda usa os espinho de mandacaru” (Marilene, 2014)

A fala de Marilene remete ao tempo passado onde as rendeiras cearenses utilizavam espinhos de mandacaru¹⁹ para fixar os pontos de renda na almofada. Espinhos estes que foram substituídos por agulhas pela influência das políticas públicas de incentivo ao artesanato do governo do Estado do Ceará, em 1970. O dado é extraído de uma de suas falas, onde afirma que as rendeiras do Ceará “trocaram os espinhos pelas agulhas por serem mais fáceis de o governo comprar”.

Sem o apoio direto do Governo do Estado do Maranhão ou qualquer outro órgão público, as mulheres da Associação das Rendeiras continuam a utilizar os espinhos do mandacaru, no momento de picar o papelão do molde e no momento de fixar os pontos de renda na almofada seguindo o desenho do picado.

O espinho chega até as rendeiras por intermédio de terceiros que viajam às regiões do Ceará já que o mandacaru faz parte da vegetação do estado e não da Raposa ou até mesmo do Maranhão.

¹⁹O mandacaru (*Cereus Jamacaru*) é uma cactácea nativa do Brasil, adaptada às condições climáticas do Semiárido. A planta alcança até seis metros de altura e possui um formato que pode lembrar um candelabro. O mandacaru é importante para a restauração de solos degradados, serve como cerca natural e alimento para os animais. A planta espinhenta sobrevive às secas devido à sua grande capacidade de captação e retenção de água.



Figura 20 – Mandacaru, cacto encontrado na região semiárida do Ceará (ceara.org)

O pedido para a compra de espinhos é feito em nome da Associação porém cada artesã faz o seu pedido contado com a quantidade que precisará no próximo mês de trabalho. Ao preço de cinco reais o fardo com 100 espinhos, são distribuídos entre as rendeiras que solicitaram a compra.



Figura 21 – Espinho de mandacaru em destaque (Acervo do pesquisador)

Medindo cerca de 10 centímetros, os espinhos tem a função de fixar os pontos de renda na almofada, não permitindo que afrouxe e se solte, prejudicando a fabricação da peça. Na produção de uma tira de renda são utilizados de 60 a 120 espinhos, que vão mudando de posição no desenho conforme a necessidade. Enquanto não estão sendo utilizados, os espinhos permanecem no colo das rendeiras, fixados nas laterais da almofada, ou ainda nos cabelos das artesãs.



Figura 22 – Espinho de mandacaru em uso (Acervo do pesquisador)

“Quem traz os espinho é quem vai pro Ceará, qualquer conhecido que a gente sabe que vai a gente encomenda” (Maria de Jesus, 2014)

“Acho que mesmo que eu pudesse trocar, eu ia continuar usando espinho, foi assim que aprendi, e ele não escorrega que nem agulha” (Dona Lourdes, 2014)

Os espinhos fazem parte do conjunto de saberes destas mulheres e, quando indagadas se trocariam os espinhos por agulhas se tivessem a chance, as interlocutoras dizem que não. Demonstram preocupação em se

machucarem com o novo artefato e com a qualidade da renda que produzem ser afetada pela falta de costume com o mesmo. Portanto, permanecem utilizando os espinhos de mandacaru, fiéis ao aprendizado que tiveram e às tradições de suas antepassadas.

4.2. PONTOS DE RENDA

“Os pontos da renda são os nós que a gente faz com ajuda dos bilros, a gente enrola um no outro, cruza e vai formando o ponto” (Dona Lourdes, 2014)

Todas as rendas têm um ponto inicial, o trocado (Figura 23), dele se origina a imensa variedade de pontos que compõem o universo da renda de bilros origina-se do trocado. Os pontos mais conhecidos e utilizados no grupo de rendeiras de Raposa são: trança, traça, pano, ponto solto e corda. Os nomes dados a esses pontos podem variar de uma localidade para outra. Por exemplo: de acordo com GIRÃO (2002) no Ceará, a traça, como é chamada em Raposa, é conhecida por barata ou baratinha; em Santa Catarina por bananinha e em Sergipe por palma.

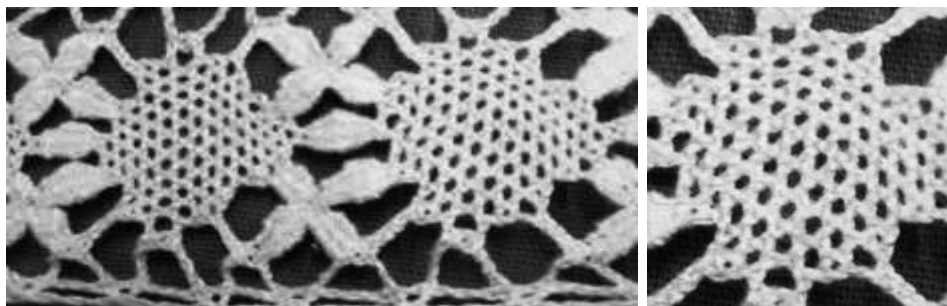


Figura 23 – Ponto trocado (Acervo do pesquisador)

“Ponto de iniciante é o trocado” (Marilene, 2014)

“No trocado é que a menina aprende a bater os bilros direito, vai fazendo até acertar, quando acertar pode fazer os outros pontos” (Dona Lourdes, 2014)

É no processo de treinar o ponto trocado que as mulheres se iniciam na prática de fazer renda, é com esse ponto que seu gestual é adensado à técnica dos bilros, desde a infância. Assim que dominam o feitio do trocado, vão aprendendo pouco a pouco os demais pontos.

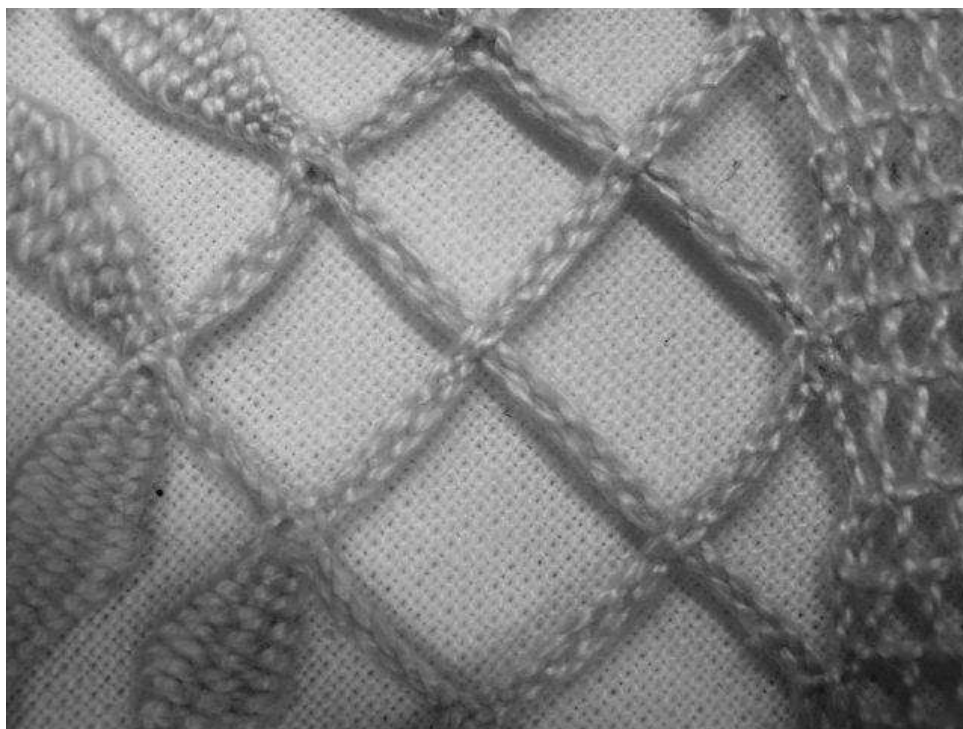


Figura 24 – Ponto Trança (Acervo do pesquisador)

O ponto chamado de trança consiste em movimentos circulares usando 3 a 4 bilros em torno deles mesmos, ganhou sua nomenclatura por dar origem a um fio semelhante a uma trança de cabelos.

“É como traçar os cabelos, mas se a rendeira não tiver firmeza na mão sai errado, sai torto” (Maria de Jesus, 2014)

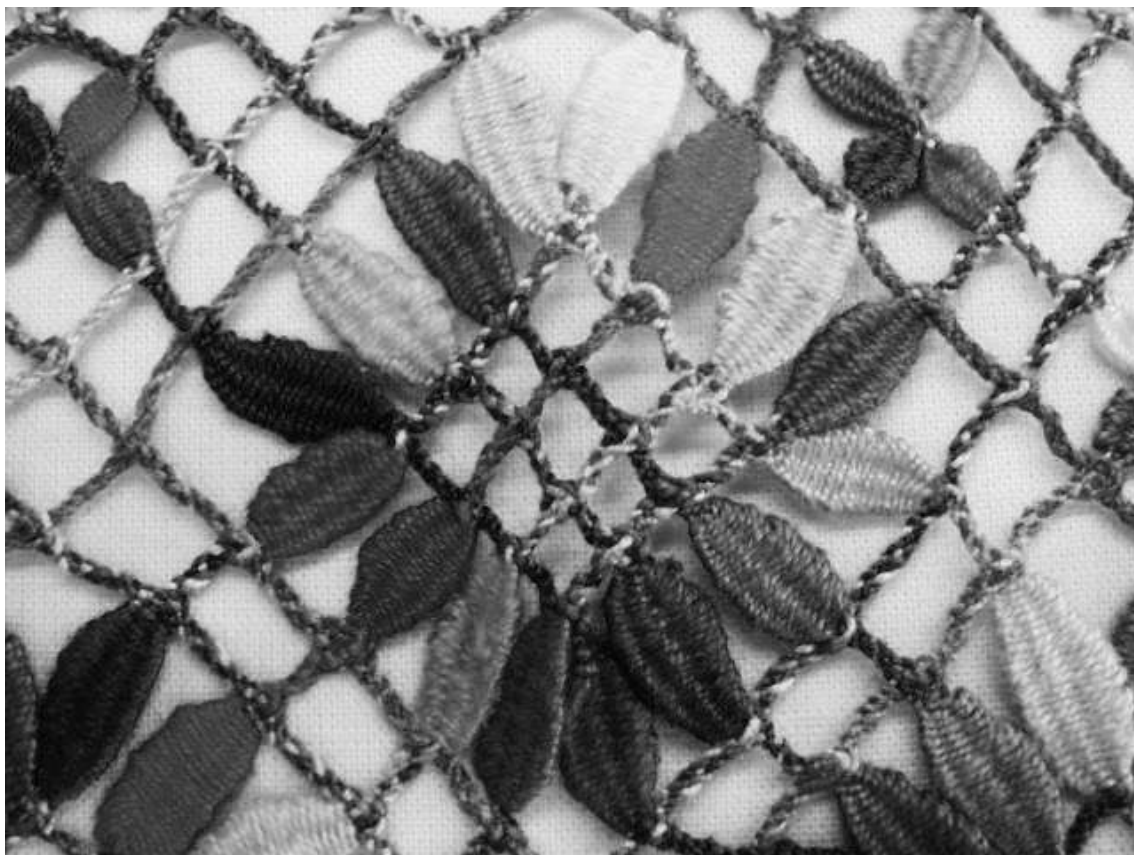


Figura 25 – Ponto Traça (Acervo do pesquisador)

O ponto traça (chamado assim por ter formato semelhante ao inseto) é fruto do entrelaçamento de filamentos ligados a uma quantidade de 4 a 8 bilros, sendo um dos mais demorados para concluir. Exige da rendeira a capacidade de segurar nas mãos os 4 ou 8 bilros enquanto entrelaça os bilros que precisa no movimento, trocando-os repetitivamente até formar a traça.

“A traça é demorada, parece difícil mas não acho não, pra quem começa é difícil por ter que segurar muitos bilro ao mesmo tempo.” (Dona Lourdes, 2014)

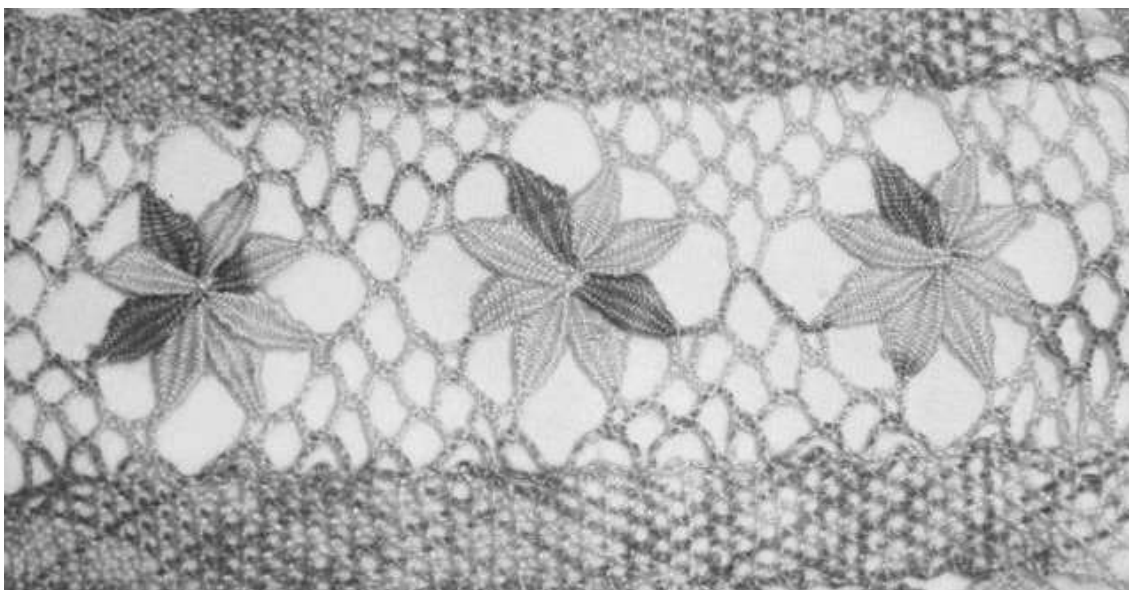


Figura 26 – Pano (Acervo do pesquisador)

O pano é assim chamado por tratar-se da junção de diversos pontos bem próximos uns aos outros, obtendo como resultado algo semelhante a um tecido. Exige da artesã o manejo de 6 a 8 bilros em movimentos cruzados, assim como a traça é um dos mais demorados a fazer.

“A gente chama de pano porque no final ele fica parecendo um pano né? Os pontos ficam bem juntinhos um do outro, igual tecido.” (Marilene, 2014)

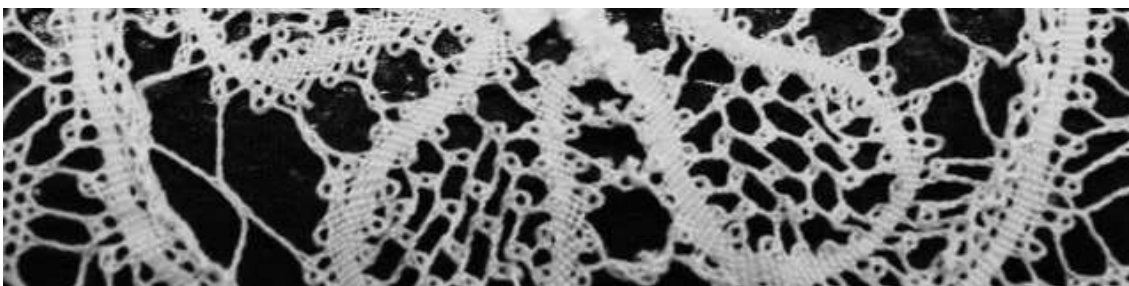


Figura 27 – Ponto solto (Acervo do pesquisador)

O ponto solto é assim chamado por aparentar ser um fio solto na peça de renda, não requer entrelaçamentos em sua composição e serve de ligação entre pontos, geralmente após o ponto solto executa-se o trocado para firmá-lo.

“Parece fácil mas não é não. A gente tem que ter a medida exata de onde ele começa e de onde ele termina senão ele se perde e pode até estragar a peça final.” (Maria de Jesus, 2014)

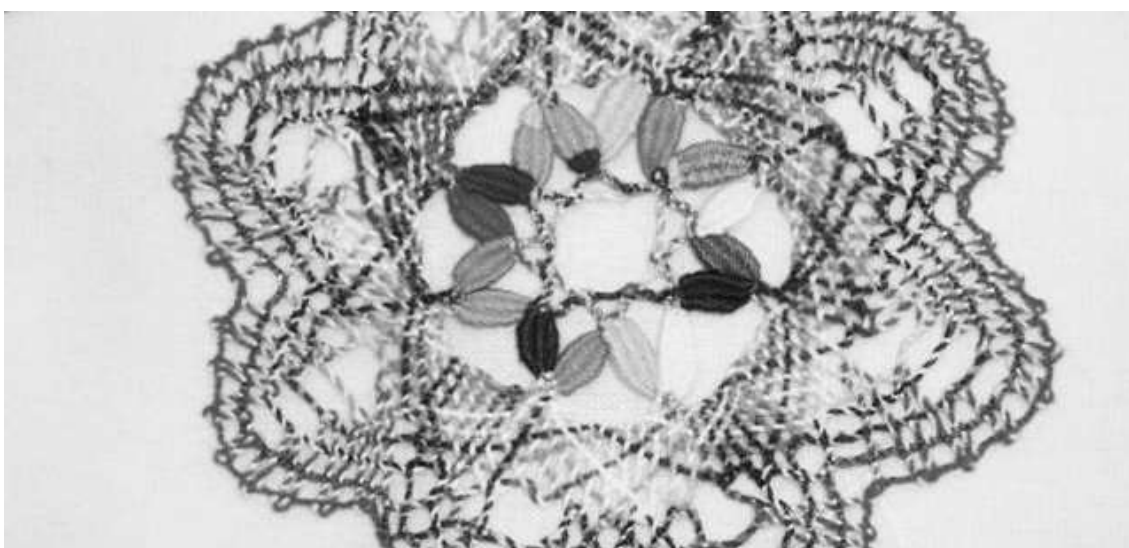


Figura 28 – Corda (Acervo do pesquisador)

A corda é um espécie de trança, diferencia-se deste por apresentar entrelaçamentos mais espaçados e frouxos, concedendo maior movimento em seu resultado. A corda, assim como o ponto solto, é seguida pelo trocado em suas extremidades, que serve de fixação.

São seis os tipos de ponto usados na fabricação das peças de renda produzidas pela Associação das Rendeiras em Raposa e, foram assim, colocadas nesta ordem de acordo com a sugestão das próprias rendeiras, que classificaram os pontos com nós mais firmes como os mais fáceis de fazer e os de cruzamentos mais frouxos mais difíceis.

5 RENDAS DA RAPOSA

“É fazendo cada pontinho no seu lugar, como tá no picado, que nasce as renda da raposa”.
(Marilene, 2014)

A renda de bilros, feita em Raposa, foi afeiçoando-se ao lugar e às pessoas, adaptando-se ao ambiente e tornando-se a expressão cultural da comunidade. As transformações e adaptações pelas quais as rendeiras passaram, são refletidas no artefato de renda, do qual ainda hoje detém todas as etapas de aprendizado, passado pela tradição, na fabricação das peças, participando de todas as etapas da produção, desde a fabricação ou obtenção dos objetos de trabalho até o acabamento final e a venda das peças.

Tendo apresentado as interlocutoras e suas ferramentas de trabalho, esta sessão tem como objetivo categorizar e descrever os produtos feitos em rendas de bilros através das falas das artesãs. O propósito deste capítulo é apresentar os modos de fazer das artesãs, tendo em vista que são maneiras particulares de fazer rendas de bilros, além de descrever os modos de fazer, categorizar os resultados obtidos, os artefatos feitos em rendas de bilros.

Todos estes artigos são compostos pelos variados tipos de pontos descritos anteriormente no capítulo 4, demonstrando o potencial de sua técnica e a diversidade visual e material dos produtos a que dão origem. Utilizando as falas das interlocutoras, podemos inferir que os produtos oferecidos pela Associação das Rendeiras estão compreendidos nas seguintes categorias: 1) Produtos de Casa onde as entrevistadas incluem as toalhas de mesa, centros de mesa e porta-copos feitos em rendas de bilros.; 2) Roupas, onde selecionam camisetas estilo regata, saídas de praia, xales e saias; e por fim as 3) Rendas de Metro, que são longas peças feitas por encomenda através de metragem. Esta divisão está presente no seguinte trecho narrativo:

“A gente faz produto de casa, roupa e renda de metro. Esses são os principais né? Se o cliente chegar pedindo outra coisa a gente vê se consegue.”
(Marilene, 2014)

A estratégia de análise dos produtos tem como base o pensamento de MENDES (2011), quando afirma que “o artesanato, por relacionar-se à construção de conhecimentos tecnológicos, repassados por práticas cotidianas mediadas pelo trabalho, aplicados social e historicamente, é uma das formas mais expressivas da cultura material e imaterial.” Assim sendo, os artífices, como guardiões do saber ligado ao fazer artesanal, arquivam em suas memórias e narrativas descrições mais adequadas à realidade da qual fazem parte.

“...ao analisar e conceituar a cultura material e de modo específico o artesanato, é preciso focá-lo não como resultado, mas como processo. Contextualizá-lo como mediador de ações humanas, condicionando, facilitando e representando interações entre sujeitos e suas realidades em contextos sociais, culturais, históricos e econômicos.” (MENDES, 2011)

Os trechos narrativos obtidos na fase de entrevistas desta pesquisa e dispostos a seguir contemplam o processo de fabricação das rendas de bilros, o tempo de elaboração dos produtos, assim como as cores, modelos, formas e tamanhos de cada peça, assim descritos pelas próprias artesãs, refletindo sobre os artefatos que aprenderam a confeccionar, em seus contextos de fabricação e uso.

5.1. NARRATIVAS ACERCA DOS PRODUTOS

“Faço renda de metro, faço roupa, faço toalha de mesa. Quando a renda foi eu que fiz eu sei dizer só de olhar.” (Maria de Jesus, 2014)

Início nesta sessão os relatos das narrativas acerca dos produtos de renda, seguindo, para isso, as categorias definidas pelas mulheres da Associação das Rendeiras da Raposa. Serão apresentadas três categorias de produtos: 1) produtos de casa, 2) roupas e 3) renda de metro.

A categorização dos produtos de rendas de bilro, foi feita através de visitas aos pontos de venda próximos à casa sede da Associação, na avenida principal, também conhecida como Corredor da Rendeira. Cada rendeira, individual e separadamente colocou-se frente aos produtos expostos, explanando sobre os pontos, a fabricação e a venda dos mesmos. Por vezes as narrativas remeteram-se ao passado, outras no presente e ambas estão contempladas nos trechos que seguem no decorrer do texto.

5.1.1 Produtos de casa

A categoria produtos de casa, conforme as falas das interlocutoras, inclui os seguintes: porta-copos, centros de mesa e toalhas de mesa. São produtos destinados à decoração. Nestes, não há mudança nos padrões e modelos, eles são reproduzidos fielmente seguindo picados antigos. De acordo com Dona Lourdes:

“Esses eu faço igual faz muito tempo, nunca mudou, mas os turista gosta, levam bastante.” (Dona Lourdes, 2014)

Os turistas são o público alvo mais visado pelo grupo de artesãs, aparecem em suas falas constantemente, demonstrando a importância do turismo para a economia local e para a Associação das Rendeiras. De acordo com elas, a procura pelos modelos de toalhas, centros de mesa e porta-copos (Figura 29), mesmo que com padrões replicados há bastante tempo, nunca sofreu baixa, são os produtos mais vendidos por elas. São vendidos por R\$10,00 a unidade, e R\$50,00 no conjunto com 6 peças.

“As toalhas e os centros de mesa vende bastante pra quem vem de fora, é bom pra gente” (Marilene, 2014)

“Toalha é mais fácil de vender, sempre sai. Os modelos são os mesmo faz tempo mas nunca deixou de vender” (Marilene, 2014)



Figura 29 – Porta-copos (Acervo do pesquisador)

“O porta-copo é o mais simples de fazer, e é rápido, não demora nada, em dois dias tá pronto.” (Marilene, 2014)

“É rapidinho, em uma semana faz um conjunto de seis pra vender.” (Dona Lourdes, 2014)

“Como faz bastante, sempre tem deles. Vende bem” (Maria de Jesus, 2014)

Os porta-copos são descritos como uma das peças mais rápidas em sua fabricação, por serem pequenas, medem 10x10 centímetros. Cada unidade leva cerca de dois dias em seu preparo, tendo como principais pontos em sua composição: traça, pano e trança.

Outra peça que pertence à categoria de produtos de casa são os centros de mesa. Estes, com finalidade decorativa em mesas de jantar, demandam 5 dias para fabricação. As rendeiras executam dois modelos do produto, Modelo 1 (Figura 30) e Modelo 2 (Figura 31). Os modelos apresentam tema floral e os seguintes pontos: traça, trança, corda, pano e ponto solto. Os dois modelos medem 30x 15 cm. Os motivos florais estão presentes em todas as peças produzidas pelas artesãs de Raposa, em todas as categorias. Acerca do tema floral, as rendeiras atribuem ao seu aprendizado.

“Aprendemos a fazer flores desde sempre, fica bonito, feminino.” (Maria de Jesus, 2014)

“Colocamos flor em tudo porque foi o que ensinaram pra gente.” (Marilene, 2014)

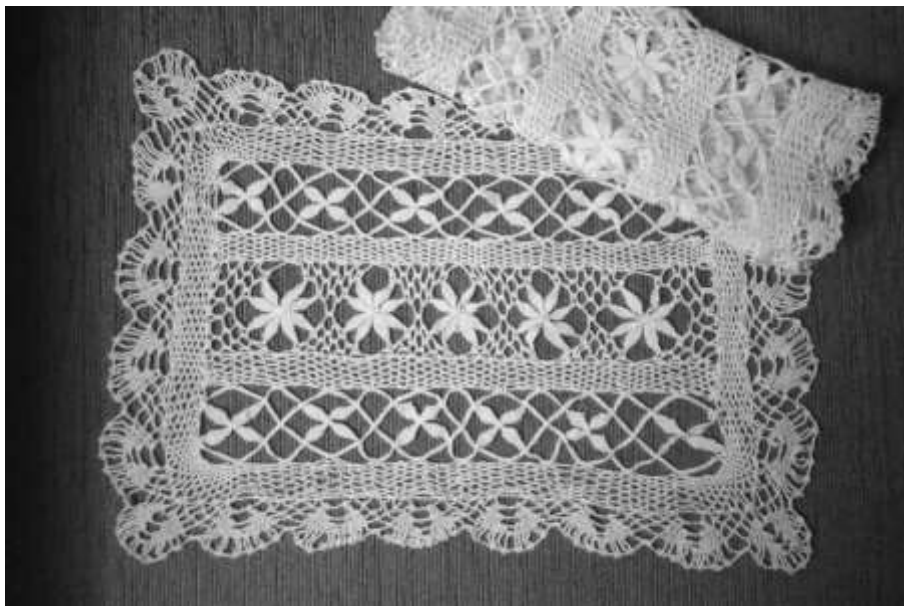


Figura 30 – Centro de mesa Modelo 1 (Acervo do pesquisador)



Figura 31 – Centro de mesa Modelo 2 (Acervo do pesquisador)

“O centro de mesa tem dois né? Os dois não demoram muito não, vamo fazendo e em uns cinco dias fica pronto pra vender” (Maria de Jesus, 2014)

Os centros de mesa são vendidos separadamente, cada unidade custa R\$ 60,00. É possível a compra em quantidades maiores, com valor negociável com a rendeira que vai executar o trabalho.

Por último nesta categoria, as toalhas de mesa são os produtos que mais demandam tempo em seu feitiço, tanto por serem peças grandes (1,20x 1,80 cm) como pela proximidade dos pontos utilizados. Os pontos traça e pano são repetidos sistematicamente, bem próximos uns aos outros, consumindo mais linhas, espinhos e bilros. Uma toalha de mesa (Figura 32) leva um mês para ficar pronta e seu valor final fica em torno de R\$120,00 para toalhas brancas e R\$160,00 para peças coloridas.



Figura 32 – Toalha de mesa (Acervo do pesquisador)

“A toalha demora bastante, são grandes, ficam bem pesadas quando termina. Em um mês, dependendo da agilidade da rendeira fica pronto. Se não, demora mais.” (Dona Lourdes, 2014)

“Fica cara porque demora e leva bastante material, leva mais de dez rolo de linha, bem mais.”
(Marilene, 2014)

“Pra mim são as peças mais bonitas, dá gosto de ver, fica muito bonito a toalha branca. Tem gente que diz que acha caro, mas não sabe quanto tempo demorou pra fazer. Acha bonito mas não leva. Fico triste com isso” (Maria de Jesus, 2014)



Figura 33 – Toalhas e produtos expostos (Acervo do pesquisador)

São notáveis as toalhas de mesa em rendas de bilros nos pontos de venda em Raposa, sempre bem expostas nas portas das casas, onde disputam atenção com os demais produtos, em diferentes categorias.

5.1.2 Roupas

“De roupa a gente faz mais camiseta regata pra mulher, coletinho e saída de praia” (Marilene, 2014)

“A gente faz roupa pro povo que vai pra praia, nesse calor daqui tem que ser né?” (Maria de Jesus, 2014)

“Quem vem pra praia gosta de roupa fresquinha, pro calorão mesmo. Aqui é quente demais filho, as moça vão de renda que é gostosa de usar.” (Dona Lourdes, 2014)

A categoria ‘roupa’ engloba os produtos de vestuário, ligados ao cotidiano praiano da comunidade de Raposa, o clima quente e a temporada de verão, quando o movimento turístico aumenta. São camisetas regatas, coletes e saídas de praia, executados e finalizados no período de uma semana cada unidade.

“A gente faz roupa de praia mesmo, faz nos tamanhos de pequeno a grande. Tem pra todo tipo de mulher” (Dona Lourdes, 2014)

A fabricação de roupas (Figura 34) pelas mãos das mulheres rendeiras é feita seguindo moldes de revistas especializadas de corte e costura, ou por rendeiras que possuem conhecimento em molde. Os tamanhos dos moldes contemplam os tamanhos P, M, G e GG, e às medidas para roupas em tecido

são acrescentados 2 a 3 centímetros a mais. Isso ocorre devido ao encolhimento da peça após ser retirada da almofada onde está sendo feita.

“Se fizer certinho igual faz roupa de tecido sai errado, fica pequeno, não veste, tem que botar 2 ou 3 centímetros mais porque a renda encolhe quando tira da almofada.” (Marilene, 2014)

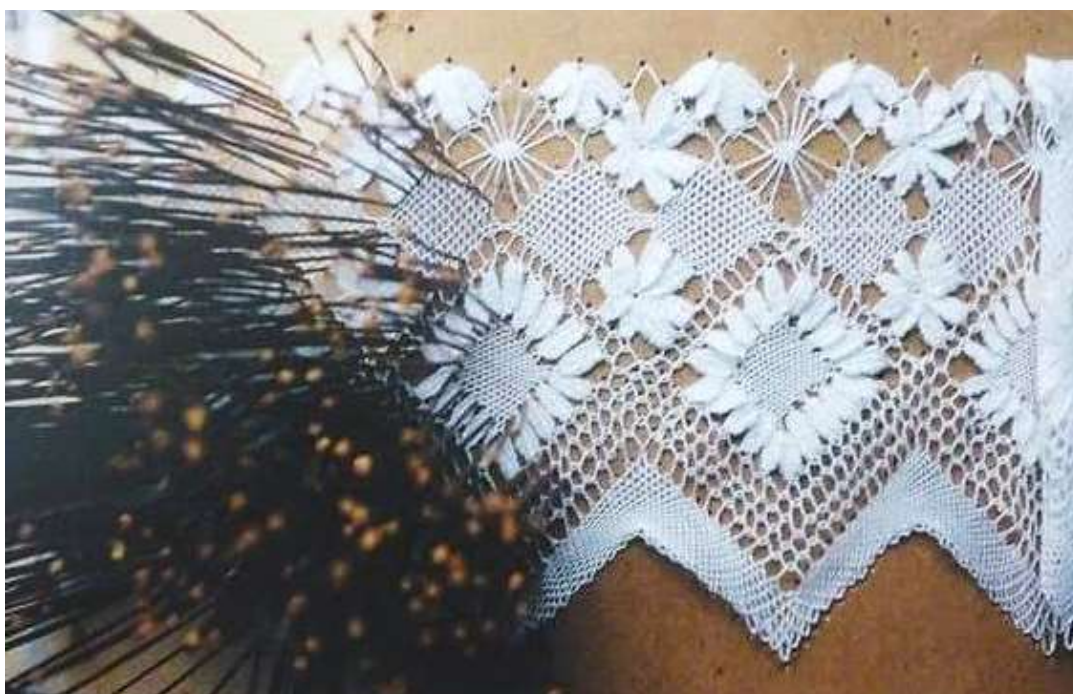


Figura 34 - Fabricação de roupa em renda de bilros (Acervo do pesquisador)

As peças são feitas em tiras, que, ao final do processo, vão sendo unidas, dando forma ao modelo inicialmente planejado.

“Vai fazendo as tiras, uma a uma. No final é que junta tudo e vira roupa.” (Dona Lourdes, 2014)



Figura 35 – Camiseta regata branca Modelo 1 (Acervo do pesquisador)

Do bater dos bilros surgem camisetas regatas (Figuras 35, 36 e 37), seguindo a temática floral assim como os demais produtos.

“Nossas roupa são bem femininas mesmo, renda eu acho que é pra mulher, coisa de menina.”
(Dona Lourdes, 2014)

“Acho que as roupas floridas vão ficar com as rendeiras pra sempre, é difícil mudar disso. Se mudar, o que vai ser da renda?” (Dona Lourdes, 2014)



Figura 36 – Camiseta regata branca Modelo 2 (Acervo do pesquisador)



Figura 37 – Camiseta regata Modelo 3 (Acervo do pesquisador)

Os modelos de camiseta regata feminino seguem padrões e desenhos que variam de rendeira para rendeira, há espaço para criação embora as rendeiras prefiram replicar padrões já existentes.

“Prefiro fazer como já sei, assim não dá erro e não desperdiço linha, é chato perder material.” (Maria de Jesus, 2014)

“Eu não sei fazer picado, aí não fico inventando coisa nova não. Faço o que sei como me ensinaram.” (Maria de Jesus, 2014)

“Eu sei fazer o picado, de vez em quando, quando precisa eu invento uns picado novo sabe? Às vezes eu vejo uma roupa bonita e tento ver como aquilo vira renda, vou pensando e quando tem tempo eu tento fazer.” (Marilene, 2014)

Marilene, em sua fala, revela ser a única das três interlocutoras que arrisca-se a criar novos padrões, padrões estes que aplicam-se apenas às peças de roupas, por necessidade de reinventar o que oferecem em termos de vestuário. O trecho “quando vejo uma roupa bonita” refere-se a visitas a lojas, roupas em vitrines e roupas em revistas e novelas televisivas. Estes meios servem como elementos de curiosidade e reflexão acerca dos artefatos, atizando o pensamento inovador. Um dos frutos da ação de repensar as rendas de bilros é o modelo de colete (Figura 38) criado pela artesã, que inspirado em um modelo visto em revista, entrou para o catálogo da Associação, sendo aceito pelas demais.



Figura 38 – Colete em renda de bilros (Acervo do pesquisador)

Por fim, na categoria roupa as rendeiras destacam as saídas de praia (Figura 39), peças de vestuário usadas por cima das roupas de banho, mas que permitem a visão do corpo de quem a veste. Estas peças de roupa, são confeccionadas, assim como as anteriores, em tiras, porém estas com comprimento maior, 100 cm a 150 cm, disponibilizadas nos tamanhos de P a GG. O molde utilizado segue as medidas de vestido, adaptado às especificidades das rendas de bilros.

“A saída de praia tem que ter, moramo perto da praia, trabalhamos perto da praia e os turista vem aqui pra isso, pra banhar no mar, passear de barco. Aí a gente oferece pras mulheres que vem uma roupa bonita pra aproveitar o sol e as nossas praias.”
(Marilene, 2014)



Figura 39 – Saída de praia (Acervo do pesquisador)

As peças de vestuário confeccionadas pela Associação das Rendeiras da Raposa seguem esquemas de cores particulares que ficam a cargo das rendeiras individualmente. Cabe à rendeira escolher as cores a utilizar, assim como o picado a ser seguido, o padrão e o tamanho a produzir.

5.1.3 Renda de metro

“Faço renda de metro só quando tem encomenda, a gente vai fazendo a tira na medida que pedem, na metragem” (Marilene, 2014)

A renda de metro, como é chamada pelas artesãs, é feita mediante encomenda. O contato é feito diretamente à rendeira que executará o trabalho ou através da tesoureira Marilene Marques, que repassa à artesã que estiver disponível para executá-la. Neste caso, a escolha da coloração da linha e do padrão a ser feito fica à cargo do cliente. Não há um catálogo a ser disponibilizado para que aconteça a escolha, o padrão é escolhido a partir das rendas já feitas e expostas.



Figura 40 – Rendas de metro (Acervo do pesquisador)

“O cliente escolhe um dos desenho nosso, escolhe a cor da linha que quer, quantos metro e a

gente entrega quando termina. Às vezes demora porque é muito metro.” (Marilene, 2014)

“Renda de metro geralmente ou é branca ou é preta, mas é mais a branca. São as noiva que sabem que a gente faz e vem pedir, vem encomendar né? Aí a gente faz bem bonito pra ela.” (Dona Lourdes, 2014)

“A gente capricha bastante pra deixar as cliente satisfeita. Cada pontinho é feito com capricho, tudo direitinho pra elas voltarem sempre.” (Maria de Jesus, 2014)

Essa categoria de renda é geralmente usada em aplicações em tecido, como fala Dona Lourdes, são bastante usadas por noivas, em seus véus e barras de vestidos. Na fabricação faz-se bicos ou pontas - usadas na beira do tecido - e entremeio - usado entre dois pedaços de tecido. A largura varia de acordo com o pedido, a menor largura encontrada no momento do registro foi 1 centímetro. O valor de uma peça de metro varia de acordo com largura e comprimento. Como exemplo: uma peça de 4 centímetros de largura custa R\$3,00 (três reais) o metro. A peça inteira de 10 metros de comprimento é negociada por R\$ 25,00 (vinte e cinco reais).



Figura 41 – Renda de metro em fabricação (Acervo do pesquisador)

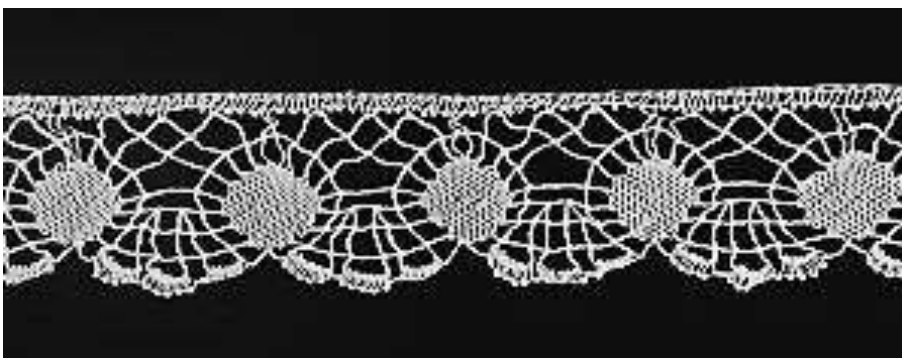


Figura 42 – Renda de metro Modelo 1 (Acervo do pesquisador)

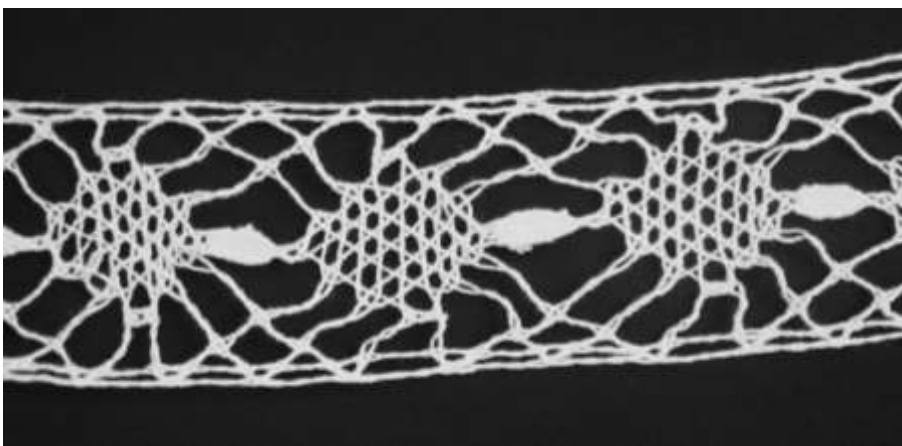


Figura 43 – Renda de metro Modelo 2 (Acervo do pesquisador)

“Essa peça aqui tem quatro centímetro, faço ela por três reais, se a pessoa quiser dez metro, faço por R\$25,00.” (Maria de Jesus, 2014)

“Não demora muito não, depende da largura, quanto mais larga mais demorada, uma peça pequena de largura demora uma semana.” (Marilene, 2014)

Tendo executado a renda de metro, a rendeira faz a entrega em rolos cuidadosamente preparados usando o mesmo papelão usado para fazer o molde picado.

5.2. “NOSSO JEITO DE FAZER RENDA”

“Temos o nosso jeito de fazer renda, não é igual das outras.” (Dona Lourdes, 2014)

Discorrer acerca dos artefatos em rendas de bilros, além de descrever o artífice e suas ferramentas, é falar do processo de fabricação de seus produtos. Entendo por processo de fabricação a relação entre artífice, memórias gestuais e ferramentas. No contexto da Associação das Rendeiras da Raposa, o trabalho é executado na casa sede, no período vespertino, como narra Dona Lourdes:

“O trabalho acontece de tarde, assim a gente tem tempo de cuidar da casa, do almoço, das crianças antes de começar .” (Dona Lourdes, 2014)

De acordo com ela, o período da tarde é reservado ao bater dos bilros, interrompidos apenas por ocasionais imprevistos. A rotina inicia-se às 14:00 horas, quando a então tesoureira Marilene Marques, tendo a responsabilidade de guardar as chaves da casa sede, abre as portas para as companheiras, que pouco a pouco comparecem ao trabalho. Cada rendeira dirige-se ao local onde, no dia anterior, interrompeu as atividades para lhe dar continuidade. Observou-se que cada artesã tem preferência por um local na casa, umas permanecendo em seu interior e outras na entrada, sentadas ao chão, conversando com os transeuntes enquanto executam seus trabalhos.

“Cada uma fica onde quer, não tem um lugar marcado, mas cada uma tem o lugar que gosta pra fazer renda.” (Maria de Jesus, 2014)

A organização dos materiais não obedece a regras rígidas, não há espaços definidos para cada ferramenta ou estoque. Consta no estatuto da Associação o tópico referente às responsabilidades individuais e coletivas. De acordo com ele, cada artesã fica responsável pela conservação de suas ferramentas, assim como o recolhimento dos mesmos ao término da jornada de trabalho. De acordo com as rendeiras, as atividades ocorrem de acordo com o estatuto, sem maiores problemas salvo a perda dos moldes picados vez ou outra.

“Tenho minha almofada, meus bilro. Quando chego já sei onde tão porque guardo no dia antes. Cada uma guarda seu material e só pega da outra se precisar e pedir emprestado” (Maria de Jesus, 2014)

“Ninguém mexe na renda de ninguém, acho que nunca ninguém fez isso. A gente pode usar o que tiver lá na salinha de trás, onde a gente coloca as coisas que não tá usando. Lá ficam os picado e o papel

pra fazer ele. Lá já sumiu bastante papel mas é porque de vez em quando tem que limpar aí acaba estragando alguma coisa, ou indo pro lixo sem querer.” (Marilene, 2014)

“Quando some alguma coisa lá atrás, um picado, o jeito é fazer de novo. Quando o picado é antigo, ou de família, a rendeira guarda em casa mesmo, pra não ter jeito de perder.” (Dona Lourdes, 2014)

A preocupação com os moldes de papel parece não ter mobilizado as artesãs para uma maior organização da sala destinada aos materiais que não estão em uso. Nela, as ferramentas de fabricação de rendas de bilros dividem espaço com os materiais de limpeza e ferramentas pesadas. Percebe-se a preocupação em manter antigos moldes e padrões, guardados nos lares das rendeiras que os possuem, em detrimento dos que são copiados. O picado mais antigo tem mais valor, tem lembranças de família, ganhando assim status de relíquia a ser mantida segura.

Sobre fazer rendas em bilros, Marilene discorre:

“A gente faz a renda em tiras, depois que termina junta as tiras e tem o centro de mesa, a toalha, a roupa sabe? É igual pra todos.” (Marilene, 2014)

Feitas em tiras, a renda de bilros exige da rendeira concentração no feitio e organização dos diferentes pedaços a serem unidos após a retirada da almofada. Cada tira corresponde a um pedaço do produto e sofre um encolhimento na retirada. A união das partes do produto é feita utilizando a mesma linha, na mesma coloração a fim de que não se torne perceptível.

“Tem que unir as partes com a mesma linha, pro cliente não perceber onde foi feita a junção, e não deixar as pontas soltas.” (Maria de Jesus, 2014)

O ato de fazer rendas de bilros, as rendeiras colocaram-se em reflexão, onde encontram-se pensamentos sobre o passado, o presente e aspirações para o futuro. Ser rendeira envolve íntima relação entre artífice e artefato, retratada no trecho “nosso jeito de fazer renda”.

“O nosso jeito de fazer renda é assim, com calma e com cuidado, com atenção nos detalhes, pra fazer bem feito. Segue direitinho o picado, vai batendo os bilro, enrolando as linha.” (Dona Lourdes, 2014)

“Sempre que eu começo eu lembro de minha mãe, que não tá mais comigo. Tudo que ela me ensinou, minha vida com ela, depois minha vida quando ela foi sabe? Eu agradeço tudo que ela ensinou, me fez rendeira” (Marilene, 2014)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tu quer saber minha história de rendeira é? Vixi! Vai ter coisa muita pra contar viu? (*risos*) Velha do jeito que eu tô, pouca coisa não vai ser. Sou rendeira de muito tempo, de quando era moça.”
(Dona Lourdes, 2014)

“História aqui é que não falta. De renda, de rendeira, dos cearense, dos maranhense.”
(Marilene, 2014)

“Mas vai levar a pesquisa pro Sul é? Vou ficar famosa hein! (*risos*) Passei a vida fazendo essas renda, essas eu conheço.”
(Maria de Jesus, 2014)

Reconstruir trajetórias envolve empenho e cuidado na análise dos conteúdos obtidos e registrados. Obter narrativas acerca de modos de fazer, tradições, saberes e objetivos de vida, envolve acessar memórias de um passado. São palavras, gestos, artefatos, que permanecem vivos e latentes na comunidade da Associação das Rendeiras de Raposa. Cada rendeira que se dedicou a narrar sua trajetória nesta pesquisa, trilhou um caminho único, que em recortes temporais distintos apontaram ao mesmo destino, ao mesmo ponto no mapa, o município de Raposa, estado do Maranhão. Compartilhando a pluralidade de seus cursos, as mulheres rendeiras encontraram semelhanças em suas histórias para além do território e da materialidade de seus artefatos, mas também na imaterialidade de seus saberes, repassados de geração a geração.

Falar dos artefatos em rendas de bilros é falar das rendeiras, é falar das mãos que entrelaçam fios. Assim sendo, minha intenção nesta pesquisa foi a de reconstruir através das narrativas das mulheres da Associação das Rendeiras, as trajetórias percorridas por elas e seus artefatos, registrando suas

memórias acerca da tradição de fazer rendas, o aprendizado, suas práticas, os materiais, as categorias de produtos que fabricam.

As interlocutoras deste trabalho foram as artesãs, que dia após dia tecem suas histórias de vida e trabalho nos filamentos que cruzam ao som do bater dos bilros. Mulheres estas, detentoras de saberes e fazeres que quando registrados permitiram o registro de uma trajetória do artefato de Renda de Bilros de Raposa.

A questão elaborada e respondida nesta pesquisa trata de como as trajetórias das artesãs rendeiras marcam o processo de construção dos artefatos em rendas de bilros no território de Raposa – MA, investigando suas raízes, saberes e práticas.

O objetivo principal foi o de compreender as práticas de construção do artefato de renda das mulheres rendeiras de Raposa a partir do relato de suas raízes e trajetórias, obtidos na forma de entrevistas e tendo como base os conceitos da História Oral. A partir deste propósito, destaco como objetivos específicos: 1. Conhecer as raízes das rendeiras Marilene Marques, Dona Lourdes e Maria de Jesus, interlocutoras desta pesquisa, e suas motivações para o percorrer de sua trajetória em direção à Praia da Raposa. 2. Registrar e descrever as práticas inerentes ao feitiço das Rendas de Bilros, seu aprendizado e como se dá dentro do grupo. 3. Obter a caracterização das Rendas de Bilros da Raposa a partir das falas de suas artífices.

Inicialmente, por se tratar de uma pesquisa relacionada diretamente ao estado do Maranhão, buscou-se a caracterização deste território, em recortes temporais que compreendem os anos de 1940, data de fundação da colônia de pescadores em Raposa, até o ano de 2014, data da coleta de narrativas em entrevistas.

Na construção desta pesquisa optei por realizar entrevistas narrativas e busquei as interlocutoras em seu local de trabalho, a sede da Associação das Rendeiras de Raposa, onde entre a tradição e o progresso, encontram-se os

trabalhos executados pelas mãos hábeis destas mulheres que contam suas histórias conforme tecem os fios da renda na feitura das peças. Batendo os bilros, estas rendeiras foram tecendo também relações sociais, construindo dia-a-dia suas histórias de vida e de trabalho. Mulheres que se organizaram mediante a fundação da Associação das Rendeiras e buscaram coletivamente, desenvolver múltiplas estratégias para perpetuar esse saber, que sobreviveu e se reproduz, representando uma atividade de inequívoca importância econômica para muitas famílias da comunidade.

A História Oral apresentou-se como o método mais adequado para a obtenção dos dados da pesquisa, uma ferramenta que capta as informações cruciais que estão guardadas nas memórias dos interlocutores e que transformam-se em vozes a serem ouvidas, narrativas a serem contadas. Como designer, foi de grande valia adentrar no universo da história oral como método para refletir acerca dos artífices e artefatos, tendo como base também os estudos de cultura material.

Assim como a trajetória das rendeiras, foi possível vislumbrar os caminhos percorridos pelas Rendas de Bilros, do Ceará em direção ao território de Raposa. Artefatos expressivos que adquiriram através da história características diversas, adaptando-se e transformando-se, sem, contudo, perder utilidade como fator econômico, seu caráter decorativo e ornamental, persistindo até hoje seu uso no vestuário, principalmente, no feminino, na ornamentação da casa e na roupa de cama. Histórias de almofadas que invadiram outros espaços e romperam a barreira entre o público e o privado, conquistaram outros admiradores, resignificaram seu valor mercadológico e resistiram às transformações e à concorrência imposta pelo moderno.

Descrevendo o trabalho das mulheres rendeiras, fica evidente sua ligação às tradições aprendidas na infância, saberes, práticas e gestos que são repassados às meninas mais novas pelas mães, memórias que vieram do Ceará e ganharam espaço no território de Raposa, adaptando-se ao local e ao cotidiano das artesãs que ali se encontram. Por meio das trajetórias das interlocutoras foi possível notar que, durante o processo de feitura das rendas de bilros, há negociações, tensões e diferentes circulações do artefato, que podem

e merecem ser explorados e investigados em profundidade em pesquisas futuras.

A primeira delas é justamente sobre os circuitos de consumo dos artefatos em rendas de bilros em Raposa e nas cidades vizinhas como São Luís e São José, em seus centros de venda de artesanato e lojas de souvenir. Quais as negociações envolvidas, quem negocia, em quais locais circulam, como se dá esse processo, de que maneira são expostos e comercializados.

Também destaco a possibilidade de aprofundar as pesquisas acerca dos materiais utilizados pelas rendeiras no processo de feitiço das rendas de bilros: almofada, picado, bilros e espinhos. Como pude perceber durante a realização desta pesquisa, cada material também conta uma história própria, demarcando trajetórias e ativando memórias, fornecendo ao pesquisador novos questionamentos acerca da circulação destas ferramentas de trabalho no âmbito da construção dos artefatos em rendas de bilros.

Além destas, percebo possibilidades em questionar e refletir acerca do processo de aprendizado das rendeiras, obtendo relatos específicos acerca das tensões, das negociações e atualizações envolvidos nas relações de ensino e apreensão dos saberes ligados ao feitiço de rendas em Raposa.

Aponto estes caminhos como possíveis continuidades e ampliações deste trabalho, certo de que contribuem para os estudos de design e da cultura material, trazendo à tona os saberes ainda não compartilhados por estas artífices.

Esta dissertação permitiu uma segunda aproximação com o universo da pesquisa, que teve como ponto de partida o trabalho de conclusão de curso apresentado pelo autor no ano de 2011, que promoveu momentos de interação entre designer e artesãs. A trajetória de pesquisador propiciou nova visão sobre procedimentos metodológicos, especialmente sobre métodos da história oral. Ainda possibilitou um contato mais próximo com as interlocutoras, através das diversas oportunidades de encontro, onde construiu-se uma convivência de valor inestimável com este grupo de mulheres, que se mostram disponíveis e

ávidas para contar suas histórias e assim tentar manter viventes suas memórias.

Às mulheres que se engajaram na construção desta pesquisa, fica o registro de tudo o que compartilharam com este pesquisador, que teve a oportunidade de uma convivência repleta de aprendizados e experiências novas. Em retribuição pela gentileza e alegria com que me receberam nas inúmeras visitas realizadas no decorrer do trabalho, dedico a elas o texto desta dissertação, assim como imagens em fotos e vídeos, fragmentos de uma história que ainda tem muito a ser contada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de. 'As ceramistas indígenas do São Francisco'. In: Revista Estudos Avançados. 17 (49). Alagoas, 2003.

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

ARAGÃO, Raimundo Batista. História do Ceará. 3ª ed. vol. 1, 1990.

ARARIPE, Tristão de Alencar. História da província do Ceará. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Mapa Municipal. vol. 4.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Rendas e rendeiras do Ceará. In: Revista de Etnografia. Porto, Museu de Etnografia e História, 1964, volume II, janeiro, p.59-71.

ARAUJO, Ângela M. (org). Trabalho, Cultura e Cidadania: um balanço da história social brasileira. São Paulo: Scritta, 1997.

AZEVEDO LISBOA, Regina Maria e MALUF, Weidner Sônia (orgs). Gênero, cultura e poder. Florianópolis: Editoras Mulheres, 2004.

BARTHES, Roland e MARY, Eric. Oral/ Escrito. In: Enciclopédia Einaudi. Vol.11 Lisboa Suprema Nacional / casa da moeda, 1887.

BATALHA, Cláudio H. M. 'A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetórias e Tendências'. In: Freitas, Marcus Cezar de. (org). Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo: Contexto, São Paulo, 1998.

BECKER, Nair Maria. Rendas, manual de tecnologia. Rio de Janeiro, Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, 1955. 192 p. BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura, São Paulo: brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. Aventuras no Marxismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BONATELLI, Maria José. As Rendas. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1956.

BORGES, Adelia. Design + Artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: 2ª edição. Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL, Tomaz Pompeu de Sousa. Ensaio Estatístico da Província do Ceará. Edição fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara. Tomos I E II. Coleção Biblioteca Básica Cearense, 1997.

BRESCIANI, Maria Stela M (org) A mulher e o Espaço Público. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/ marco zero, ag/set, vo. P, nº 18, 1989.

BRUMER, Anita. O Sexo da Ocupação: Considerações teóricas sobre a inserção da mão de obra feminina na força de trabalho. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 3, nº 8, 1988.

BURKE, Peter (org.): A Escrita da História. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. Variedades de história cultural. 2°. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. Teresina etc. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, 2° edição.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. INL MEC, p.655656, Rio de Janeiro, 1962.

CASTORIADIS, Cornelius. A Experiência do Movimento Operário. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CASTRO, Hebe. 'História Social'. In: Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia. Jamorion, Ciro e Vainfas, Ronaldo (orgs), Campos-Rio de Janeiro, 1997.

CAULFIELD, Sueann. Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas-SP. Editora as Unicamp. Centro de pesquisa em História social e cultural, 2000.

CAVALCANTE, Gustavo Bezerril. Mulheres do mangue: Trabalho, memória e cotidiano das marisqueiras de Fortim-Ce. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, 2004.

CHARTIER, Roger. A Visão do historiador modernista. In: Usos e abusos da história oral. Janaina Amado e Marieta de Moraes coordenadoras. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGH, 2002.

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. Narrativas sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente em Florianópolis, Santa Catarina, BR. Florianópolis: Tese de Doutorado, 2008.

COSTA, Albertina Oliveira de. e Bruschini, Cristina (orgs) Uma Questão de Gênero. Editora Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Tecendo por Trás dos Panos. Introdução. São Paulo, Editora Rocco, 1994.

DAVIS, Natalie Zemon. O retorno de Martin Guerre. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DECCA, Edgar S de. Memória e Cidadania. In: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo – DHP. O Direito ao Passado – patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1991.

DE CERTAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: 1- artes de fazer; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, vozes, Rio de Janeiro, 1994.

_____. A Operação Historiográfica. A Escrita da História, cap. II, Floresce, Rio de Janeiro, 1987.

DE MENDONÇA, Maria Luiza Pinto. Algumas Considerações sobre Rendas e Rendeiras do Nordeste. Separata do Boletim do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará, 1961.

DEL PRIORI, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: Flamarion, Ciro e Vainfas, Ronaldo (orgs). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Editora Campos, 1997.

_____. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: Historiografia Brasileira em Perspectiva. Freitas, Marcus Cezar de. (org). São Paulo: Contexto, Paulo, 1998

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Rendas de bilros, manifestações típicas do nosso artesanato. In: Revista Esso. Rio de Janeiro, 27 (3), 1964.

DUARTE, Adriano Luiz. Cidadania e Exclusão: Brasil 1937-1945. Florianópolis. Editora da UFSC, 1999.

DU BERRY, Margueriti. A renda; História da renda em diversas épocas e diferentes países. Rio de Janeiro, Garnier, 1907, 214 p.

FAUSTO, Boris. Trabalho urbano e conflito social (1890-1920). Rio de Janeiro. Difel, 1997.

FEBVRE, Lucien. Viver a História: palavras de iniciação. Combates pela História, ed. Presença, 1989.

FEIJÓ, João da Silva. Memória sobre a capitania do Ceará e outros trabalhos. Edição fac. Sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara. Coleção Biblioteca Básica Cearense, 1997.

FENELON, Dea Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo. História e Perspectiva. Uberlândia, jan/jun, 1992.

FERRERAS, Norberto O. História e Trabalho: entre a renovação e a nostalgia. In: Trajetos. N° 2, Fortaleza: Departamento de História – UFC, 2002.

FERREIRA, Marieta Moraes de. e AMADO, Janaína (orgs). Usos e Abusos da História Oral, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. Renda de Bilros, Renda da Terra, Renda do Ceará. A expressão artística de um povo. São Paulo: Annablume. Fortaleza: Secult, 2002.

FONTENELLE, Luiz Fernando Raposo. Rendas e rendeiras do Arraial do Cabo; contribuição para o estudo sociológico da renda no Brasil. Rio de Janeiro, Museu Nacional da Universidade do Brasil, 1954.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Trabalhadores e cidadãos: Nitro Química: a fábrica e suas lutas operárias no anos 50. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966). Tese de Doutorado, 2002.

FREITAS, Marcus Cezar (org). Historiografia Brasileira em Perspectiva, São Paulo. Editora Contexto, 1998.

FUNES, Eurípides A. "Nasci nas matas, nunca tive senhor". História e Memória dos Mocambos do Baixo Amazonas. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1995.

GARCIA, Marco Aurélio de A. Tradição, Memória e História dos Trabalhadores. In: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo – DHP. O Direito ao Passado – patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1992.

GEERTZ, Clifford. O saber local. Novas ensaios em antropologia interpretativa, Petrópolis: Vozes 3ª ed., 1997.

GEISEL, Amália Lucy; LODY, Raul. Artesanato brasileiro: rendas. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1986.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais ("Sinais: raízes de um paradigma indiciário"). São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

_____. Relações de força. História, Retórica, Prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins. O Ceará. Ed. Instituto do Ceará, 3ª edição.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Rendas e Bordados do Ceará. Separata de "O Ceará", 3ª edição, Fortaleza, 1965.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. A Renda de Bilros e seus artífices. Fortaleza: Museu do Instituto de Antropologia da UFC, 1966.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Renda de Bilros. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Rendas e Rendeiras do Ceará. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 2002.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Rendas do Ceará; contribuição à nomenclatura e à classificação das rendas do Ceará. In: Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, 3 (6): 131-169, agosto 1963.

GOMES, Ricardo Lima. Morros da Mariana: um espaço rendado. Rio de Janeiro: IPHAN, 2011.

_____. Rendas de Bilros. Coleção do Museu Arthur Ramos, ed. UFC, 1984.

_____. A renda de bilros e seus artífices. Trabalho de pesquisa realizado pela conservadora do museu do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará, 1966.

GODOI, Emília pletrafesa de. O Trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1995.

HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, Nem Patrão. Memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo, Editora UNESP, 3ª ed., 2002.

HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil: In: Costa, Albertina de Oliveira e Bruschini, Cristina (orgs). Uma Questão de Gênero. Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

HOBBSAWM, Eric. J. O Presente como história: Escrever a história do seu próprio tempo. Tradução: Heloisa Buarque de Almeida. Revista Novos Estudos, nº 43, novembro de 1995.

HOGGART, Richard. “Nós e Eles”. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org). O Lúdico na Cultura Solidária. São Paulo: HUCITEC, 2001.

HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira. “A Mulher Rendeira”: De Símbolo à Marketing Cultural no Ceará. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Fortaleza, 1999.

HUFTAN, Olewn. Mulheres/Homens: Uma Questão Subversiva. Passados Recompuestos: Campos e Canteiros da História. In: Bautier, Jean e Júlia, Dominique (orgs). Rio de Janeiro-URFJ, 1998.

HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

IBGE. Mapa Municipal, vol. 04, página 93. Histórico Aquiraz –Ce.

JUNIOR, M. Diegues. Cultura e Comunidade. Revista Brasileira de Folclore. Ano XIV. Nº 41, maio/agosto 1976.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª ed. Campinas-SP. Editora da Unicamp, 2003.

LEITE LOPES, José Sérgio. A Tecelagem dos conflitos de classe na “Cidade das Chaminés”. Editora Marco Zero, São Paulo, 1988.

LEITE, Miriam L. M. História das Mulheres. In: Revista USP: Dossiê Nova História. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, nº 23, set./out./nov,94.

LIMA, Antônio Aquilino de Macedo e AEVEDO, Ivanildo Mendes. O Artesanato Nordeste: Características e Problemática Atual. Fortaleza, BND/ ARTENE, Estudos Econômicos e Sociais, vol. 14, 1982.

LIMA, Hermam. Rendeiras: Imagens do Ceará. Cadernos de Cultura. Ministério da Educação e Cultura - serviço de documentação.

LIMA, Maria do Céu. Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará: Território, Costumes e Conflitos. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2002.

LIMA, Ricardo Gomes; FERREIRA, Tatiana de Sá Freire (org.). Morros da Mariana: um espaço rendado. Rio de Janeiro: IPHAN, 2011.

LISBOA, Regina Azevedo e MALUF, Sônia Weidner (orgs). Usos e Abusos da História Oral. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

LOBO, Elizabeth Sousa. Emma Goldman. Ed brasiliense s. a. São Paulo 1983.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. História da Vida Privada no Brasil. Editora Companhia das Letras, vol.3, cap. 5. São Paulo, 1993.

_____. Ruídos da memória. São Paulo. Siciliano, 1995.

MARTINS, José de Sousa. O subúrbio. Hucitec. São Caetano do Sul, 1990.

MATOS, Maria Izilda S. de. Outras Histórias: As Mulheres e os Estudos dos Gêneros: percursos e possibilidades. Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea, São Paulo. Rosa dos Tempos, 1992.

MENDES, Mariuze Dunajski. Trajetórias sociais e culturais de móveis artesanais trançados em fibras: temporalidades, materialidades e espacialidades mediadas por estilos de vida em contextos do Brasil e Itália. Florianópolis, SC. Tese de doutorado, 2011.

MENDONÇA, Maria Luiza Pinto de. Algumas Considerações sobre Rendas e Rendeiras do Nordeste. Separata do Boletim do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará, 1961.

MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

MORAES, José Geraldo Vinci de. E Rego, José Mauricio. Conversas com Historiadores Brasileiros. São Paulo, Ed. 34, 2002.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Cláudia Maria Batista. Aspectos sócio-econômico-cultural do artesanato do Ceará. Fortaleza: SIC/CE, 1978.

NETTO, A. Seixas. Folclore, rendas, rendas e rendeiras. In: O Estado. Florianópolis, 7 de maio de 1970. OLIVEIRA, Mariléa C. Pereira. As rendas. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Florianópolis, 11 (25/26): 69-86, janeiro, 1960.

NOGUEIRA, Paulino. Vocabulário indígena. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, v. 1.

NORONHA, Raquel. No coração da Praia Grande: representações sobre a noção de patrimônio na Feira da Praia Grande, São Luís, Maranhão. Dissertação de Mestrado.

NUNES, Benedito. Os Tempos da narrativa. 2ª edição. São Paulo. Editora. Ática, 1995.

OITICICA, Francisco de Paula Leite. A arte da renda no Nordeste. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. Revista do Instituto do Ceará, v. 1/2.

ORTIZ, Renata. Trajetos e Memórias. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina. Fortaleza. EDUECE, 2001.

PALLARES Burke, Maria Lúcia Garcia. As Muitas Faces da História. Nove Entrevistas - São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAOLI, Maria Célia. As ciências sociais, os movimentos sociais e a questão de gênero. In: Novos Estudos CEBRAP, nº31, outubro de 1991.

_____. Memória, História e Cidadania. In: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo. – DHP. O Direito à Memória – patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1992.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. Revista Catarinense de História. Florianópolis, nº 2, 1994.

PEREIRA, Carlos José da Costa. Artesanato – definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; programa nacional de desenvolvimento do artesanato, Brasília, MTB, 1979.

PERROT, Michele de. Os Excluídos da História: operário, mulheres e prisioneiros, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1998.

PERROT, Michele. A História feita de Greves, Excluídos e Mulheres. Tempo Social; Revista de Sociologia da USP-SP, outubro 1996.

_____. As Mulheres e os Silêncios da História. Baurur-Sp. EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Coleção “História & Reflexos”. Cap. IV e V.

PINHEIRO, Francisco José. "Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território". In: SOUSA, Simone de. Uma nova história do Ceará, Fortaleza, 2ª, 2002.

PORTO ALEGRE, Sylvia. Arte e ofício de artesanato – histórias e trajetórias de um meio de sobrevivência. Fortaleza: NEPS, 1985.

PORTELLE, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Projeto História: Revista de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP. N° 15, São Paulo, Brasil, 1961.

_____. História oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: História e Perspectivas, N 25 e 26– jul./dez. e jan./jun. Uberlândia, 2001.

PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo-SP. N° 10,14,15,22 – Brasil, 1981.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro (org.). Design & cultura material. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012.

RAMOS, Arthur; RAMOS, Luiza. A renda de bilros e sua aculturação no Brasil: nota preliminar e roteiro de pesquisas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Etnologia, 1948.(Publicações,4).

RAMOS, C. M. A.; BEZERRA, J. R. M. A comunidade de Raposa revisitada. São Luís: Edufma, 1972.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: Silva e Zélia Lpoes (orgs). Cultura e História em debates. São Paulo, 1995.

Revista Brasileira de História – Órgão oficial da Associação Nacional de História. São Paulo. ANPUH/Humanitas publicações, nº10, 17, 39.

RODRIGUES, Lupecinio. O Feminino, O Masculino e suas Relações. In: Matos, Maria Izilda S. e Faria, Fernando A.. Bertrand Brasil.

SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entram em Cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

SAHLINS, Marshall. Ilhas da História. Rio de Janeiro: Jorge Zaahar, 1990.

SALEM, Tânia. O casal igualitário: princípios e impasses. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.3,nº9, fevereiro, 1986.

SALLES, Vicente Jarimbu. "Rendas". In: LODY, Raul Giovanni da Motta. Artesanato brasileiro. Rio de Janeiro: FUNART, 1986.

SAMPAIO, Dorian. Anuário do Ceará. O Ceará nos anos 70.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, n.19.

SANTOS, José Maurício Câmara dos. Aquiraz – todos juntos rumo a um novo milênio. Fortaleza: 1ª ed. Agosto, 2000.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. – As Charuteiras no Palco da Vida. In: SARDE, Nberg, CÉLIA, Maria Bacellar, VANIN, Iole Macedo e ARAS, Lima Maria Brandão (orgs)- Fazendo Gênero na Historiografia Baiana, Núcleos de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. NEIM, Mestrado em História, FFCH/UFBA, 2001.

SMITH, Bonnie G. Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica. Bauru – São Paulo: EDUSC, 2003.

SOARES, Doralécio. Rendas e Rendeiras da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: FCC Edições, 1987.

SOUSA, Maria Luiza de. Desenvolvimento de Comunidade e participação. São Paulo: Córtext, 2004.

SOUSA, Simone de. Uma nova história do Ceará. (revisada e atualizada). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2ª ed., 2002.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: Burke, Peter (org). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, Biblioteca Básica, 3ª ed, 1997.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: Domínios da História; ensaios de teoria e metodologia. IN: Jamorion, Ciro e Vainfas, Ronaldo(orgs), Rio de Janeiro: Campos,1997.

STUDART, Barão de. Datas e factos para a história do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara. Coleção Biblioteca Básica Cearense, Tomos I, II, II, 2001.

_____. Notas para história do Ceará - segunda metade do século XVIII, Fortaleza, 1892.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. O Outro lado da família brasileira. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

THÉBERGE, P. (Dr.). Esboço histórico sobre a província do Ceará. Edição fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara. Coleção Biblioteca Básica Cearense, Tomo I e II, 2001.

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Athusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Costumes em Comum - Estudos sobre a cultura popular tradicional. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

_____.As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos. Campinas: Editora UNICAMP, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. Os protagonistas anônimos da História – Micro-história. Rio de Janeiro: Campos, 2003.

VIOTTI, Emília da Costa. Coroas de Glórias, Lágrimas de Sangue: a rebelião dos escravos em Demerara em 1823. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WADI, Yonissa Marmitt. Loucas pela Vida: Experiência de mulheres tidas como Loucas (RS, 1884-1930). São Paulo, Tese de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduação em História. PUC-SP.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. Tradução. Lúcio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

_____. Marxismo e Literatura. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMA 1: ORIGEM CEARENSE

Tema: Origem cearense		
QUESTÕES		OBJETIVOS
1	Onde nasceu?	Começar a traçar o perfil do entrevistado
2	Qual data?	
3	Cresceu na mesma cidade?	
4	Quando mudou-se?	Descobrir quando se deu e os motivos da mudança do Ceará para a Raposa
5	Tem lembranças da época?	
6	Como foi a saída do Ceará?	
7	O que motivou a saída?	
8	Teve influência no que diz respeito à atividade artesanal?	Descobrir quando iniciaram o aprendizado em fazer rendas
9	Iniciou o aprendizado no Ceará?	
10	Como era fazer renda no Ceará?	
11	Quem ensinou?	
12	Como iniciou-se o aprendizado?	
13	Tem lembranças do dia a dia no Ceará?	Obter a caracterização do lugar de origem
14	A família tinha tradição rendeira?	Descobrir de onde vem o saber fazer renda na família

ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMA 2: RELATOS SOBRE O OFÍCIO DE RENDEIRA

Tema: Relatos sobre o ofício de rendeira		
QUESTÕES		OBJETIVOS
1	Quando começou a aprender a fazer rendas?	Descobrir como se dá a iniciação no aprendizado de rendeira
2	Quem ensinou?	
3	Como aprendeu a fazer rendas?	
4	Quais os passos iniciais do aprendizado?	Descobrir sobre o aprendizado e suas motivações
5	O que motivou o aprendizado?	
6	Em que períodos do dia fazia rendas?	
7	Em qual momento foi considerada rendeira?	
8	Quais materiais utiliza?	Descobrir quando iniciaram o aprendizado em fazer rendas
9	Quais os pontos de renda utiliza?	
10	Quais produtos fabrica?	
11	Quanto tempo leva na confecção?	
12	Como obtém os materiais para fazer rendas?	
13	Onde vende os produtos que fabrica?	Descobrir onde realiza as vendas do produto
14	Vende apenas em Raposa?	
15	Vende em outras cidades?	
16	Participa de feiras e eventos?	

ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMA 3: RELATOS SOBRE A RENDA DE BILROS DE RAPOSA

Tema: Relatos sobre o ofício de rendeira		
QUESTÕES		OBJETIVOS
1	Quais produtos fabrica com mais frequência?	Iniciar a obtenção de relatos sobre os artefatos de renda
2	Porque escolheu este?	
3	Onde aprendeu a fazê-lo?	
4	Sabe fazer o picado?	Descobrir os saberes específicos das interlocutoras
5	Onde o aprendeu?	
6	Cria modelos próprios?	
7	Quais temas aplica nas peças?	
8	Faz algo diferente do que aprendeu?	